



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Williane Virgínia Holanda De Souza

**Análise da articulação-boca em pessoas surdas no corpus de Libras:** o fenômeno da sobreposição da língua portuguesa sobre a sinalização da Libras

Florianópolis  
2021

Williane Virgínia Holanda De Souza

**Análise da articulação-boca em pessoas surdas no corpus de Libras: o fenômeno da sobreposição da língua portuguesa sobre a sinalização da Libras**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Linguística

Orientador: Profa. Aline Lemos Pizzio, Dra.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Williane Virgínia Holanda De  
Análise da articulação-boca em pessoas surdas no corpus  
de Libras : o fenômeno da sobreposição da língua portuguesa  
sobre a sinalização da Libras / Williane Virgínia Holanda De  
Souza ; orientadora, Aline Lemos Pizzio , 2021.  
103 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Libras. 3. Articulação-boca. 4.  
Sobreposição. 5. Línguas em contato. I. , Aline Lemos  
Pizzio. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Williane Virgínia Holanda De Souza

**Análise da articulação-boca em pessoas surdas no corpus de Libras:** o fenômeno da sobreposição da língua portuguesa sobre a sinalização da Libras

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Débora Campos Wanderley, Dr.(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Marilyn Mafra Klamt, Dr.(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Linguística.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof.(a) Aline Lemos Pizzio, Dr.(a)  
Orientador(a)

Florianópolis, 2021.

*Dedico esta dissertação a minha filha, Nicolle, que vai nascer pertinho da minha defesa. Não sei o que me deixa mais ansiosa! Você é o sol da minha vida, sua vinda me dá forças e esperança. Eu te amo!*

*“O que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 João 5:4)*

## AGRADECIMENTOS

Escrever durante este momento de pandemia da Covid-19 com o isolamento social foi um grande desafio e envolveu muitas emoções.

Primeiramente, quero agradecer a Deus que me abençoou com força, saúde, sabedoria, paciência e fidelidade para chegar até aqui.

Agradecer a minha mãe que lutou para que eu tivesse uma boa educação com a Libras.

Agradecer à comunidade surda que me deu a identidade surda, a cultura surda e a Libras e me tornou a pessoa que sou hoje.

Agradecer ao meu esposo pelo apoio e parceria de sempre.

Quero agradecer aos encontros que essa dissertação me proporcionou. Primeiro à minha orientadora maravilhosa, Aline Lemos Pizzio; segundo a Alessandra Costa Calixto que me ajudou na correção e escrita dessa dissertação. Vocês são anjos que Deus enviou para mim aqui na Terra. Antes eu estava aflita! Não sabia que caminho seguir na dissertação, mas essas pessoas apareceram e me ajudaram a abrir minha mente e eu aprendi muitas coisas e continuei lutando até conseguir concluir a dissertação.

Agradecer à UFSC pela oportunidade de estudar nessa conceituada instituição.

## RESUMO

No resumo, são ressaltados o objetivo da pesquisa, o método utilizado, as discussões e os resultados. Esta pesquisa justifica-se pelo interesse despertado em uma disciplina cursada no curso de Letras/Libras (EaD) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que discutiu a História de Educação de Surdos e a influência do Congresso de Milão na vida dos Surdos. Muitos Surdos passaram a oralizar ao mesmo tempo em que sinalizam, percebendo-se uma possível transferência da fala da Língua Portuguesa (LP) para sua sinalização, denominada sobreposição, surgindo a articulação-boca (movimento da boca). Desta forma, procurou-se analisar se a articulação-boca, abordado por Pêgo (2013; 2021) e Silva (2020), é um resultado da sobreposição da LP na sinalização ou se é processo natural da expressão facial própria da Libras. Por meio da análise de entrevistas feitas em Libras de Surdos fluentes, buscou-se perceber o contexto em que aprenderam Libras e a interferência da LP em sua vida para, a partir de sua narrativa em Libras, identificar se a articulação-boca seria um processo natural da Libras ou se um tipo de sobreposição que acontece em contextos específicos na sinalização em Libras. Além disso, pretendeu-se perceber esse fenômeno traz algum tipo de perda na comunicação ou se seria uma estratégia que auxilia na compreensão da comunicação entre pessoas surdas falantes da Libras. A fonte usada para a coleta de dados foi o Projeto de Corpus de Libras, um patrimônio linguístico brasileiro que possui um acervo de vídeos registrados. Foi feita a análise da articulação-boca, em sujeitos de 3 faixas etárias: jovens, adultos e idosos Surdos, tanto homens como mulheres. Na análise feita, foram observadas 4 categorias: articulação-boca integral (ABI), parcial (ABP), classificadora (ABC) e neutra (ABN). Percebeu-se que ocorre a sobreposição linguística devido ao contato entre línguas de modalidades diferentes: espaço-visual e oral-auditiva, não acarretando prejuízo na comunicação em Libras.

**Palavras-chave:** Libras. Articulação-boca. Sobreposição. Línguas em contato.

## ABSTRACT

In the abstract, the objective of the research, the method used, the discussions and the results are highlighted. This research is justified by the interest aroused in a discipline studied in the Portuguese/Libras Languages and Literatures course (distance education) of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) that discussed the History of Deaf Education and the influence of the Milan Congress on the life of the Deaf. Many Deaf people began to speak at the same time as they sign, realizing a possible transfer of the speech of the Portuguese language (LP) to its Libras speech, called code-blending, arising the mouth-articulation (movement of the mouth). Thus, we sought to analyze whether the mouth-articulation, addressed by Pêgo (2013; 2021) and Silva (2020), is a result of LP and Libras code-blending or if it is a natural process of facial expression proper to Libras. Through the analysis of interviews made in Libras of fluent Deaf, we sought to understand the context in which they learned Libras and the interference of LP in their life to, from their narrative in Libras, identify if the mouth-articulation would be a natural process of Libras or if a type of code-blending that happens in specific contexts in Libras speech. In addition, it was intended to realize this phenomenon brings some kind of loss in communication or if it would be a strategy that helps in the understanding of communication between Deaf people speaking Libras. The source used for data collection was the Libras Corpus Project, a Brazilian linguistic heritage that has a collection of recorded videos. The mouth-articulation analysis was performed in subjects of 3 age groups: young people, adults and Deaf elderly, both men and women. In the analysis, 4 categories were observed: complete mouth-articulation (CMA), partial (PMA), classifier (CMC) and neutral (NMA). It was noticed that the linguistic code-blending occurs due to the contact between languages of different modalities: space-visual and oral-auditory, not causing damage to the communication in Libras.

**Keywords:** Libras. Mouth-articulation. Code-blending. Languages in contact.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sinal <ÓCULOS>.....	45
Figura 2 - Sinal <ÓCULOS-DE-SOL> .....	45
Figura 3 - Sentença da ASL contendo oração relativa .....	46
Figura 4 - A expressão de articulação-boca com um sinal <COMO> .....	48
Figura 5 - A expressão de articulação-boca com um sinal <QUAL> .....	49
Figura 6 - A expressão de articulação-boca com um sinal <LEVE> .....	49
Figura 7 - A expressão de articulação-boca com um sinal <DÁ>.....	50
Figura 8 - A expressão de articulação-boca com um sinal <MAIS> .....	50
Figura 9 - A expressão de articulação-boca com um sinal <O QUE> .....	50
Figura 10 - Plataforma de entrevista.....	57
Figura 11 - Plataforma de entrevista em dupla.....	57
Figura 12 - Plataforma de observar os vídeos no ângulo das telas.....	58
Figura 13 - Plataforma de ELAN da descrição dos dados.....	59
Figura 14 - Plataforma de ELAN da descrição dos dados (2).....	59
Figura 15 - Sinal <AMANHÃ>.....	61
Figura 16 - Sinal <MOTO>.....	62
Figura 17 - A tecnologia de <i>QR Code</i> .....	63
Figura 18 - Exemplo da interface do ELAN .....	64
Figura 19 – <i>QR Code</i> sobre link do informante (A).....	70
Figura 20 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:05:14 e 00:00:06:21, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <CERTO> .....	70
Figura 21 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:09:15 e 00:00:10:06, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <BRINCAR>.....	71
Figura 22 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:16:27 e 00:00:17:28, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <SORTE>.....	71
Figura 23 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:35:16 e 00:00:36:20, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <INTÉRPRETE> .....	72
Figura 24 - QR Code sobre link do informante (B).....	74
Figura 25 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:07:18 e 00:00:08:23, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <INCLUSÃO> .....	74
Figura 26 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:18:28 e 00:00:19:23, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <ESTUDAR> .....	75
Figura 27 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:34:28 e 00:00:35:22, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <ATÉ>.....	75

Figura 28 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:01:17:14 e 00:01:18:09, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <PERÍODO> .....	76
Figura 29 - <i>Qr Code</i> sobre link do informante (C).....	78
Figura 30 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:18:14 e 00:00:19:14, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <INCLUSÃO> .....	78
Figura 31 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:27:22 e 00:00:28:17, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <APRENDER> .....	78
Figura 32 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:34:20 e 00:00:35:10, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <OUVINTE>.....	79
Figura 33 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:01:23:25 e 00:01:25:07, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <ORAL> .....	79
Figura 34 - <i>Qr Code</i> sobre link do informante (D).....	82
Figura 35 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:56:12 e 00:00:56:24, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <SURDO>.....	82
Figura 36 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:04:39:15 e 00:04:40:01, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <MAS>.....	82
Figura 37 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:04:40:18 e 00:04:41:03, sobre a expressão de articulação-boca do primeiro sinal <FALA-ORAL> .....	83
Figura 38 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:01:21:27 e 00:01:22:24, sobre a expressão de articulação-boca do segundo sinal <FALA-ORAL> .....	83
Figura 39 - <i>QR Code</i> sobre link do informante (E).....	86
Figura 40 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:13:26 e 00:00:14:23, sobre a expressão de articulação-boca com o sinal <FALAR-ORAL> .....	86
Figura 41 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:18:01 e 00:00:18:24, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <PORQUE> .....	86
Figura 42 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:31:17 e 00:00:32:11, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <MUITO> .....	87
Figura 43 - Registro do vídeo acima através ELAN no tempo entre 00:00:45:10 e 00:00:46:09, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <FEVEREIRO>.....	87
Figura 44 - <i>Qr Code</i> sobre link do informante (F) .....	90
Figura 45 – Registro do vídeo acima através ELAN no tempo entre 00:00:06:10 e 00:00:08:20, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <BAGUNÇA>.....	90
Figura 46 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:09:29 e 00:00:10:19, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <SILÊNCIO> .....	91
Figura 47 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:11:16 e 00:00:12:06, sobre a expressão de articulação-boca com o sinal <OLHAR>.....	91
Figura 48 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:20:02 e 00:00:20:20, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <JOGAR NA COSTA>.....	92

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Especificação da expressão facial no rosto .....	41
Quadro 2 - Modelo de registro de Morfema-boca .....	42
Quadro 3 – Tradução no Quadro 2 .....	42
Quadro 4 - A proposta dos elementos para o parâmetro “expressão facial” .....	47
Quadro 5 - A anotação da tabela com os tipos de expressão facial.....	48
Quadro 6 - Elaborados entrevistados da coleta de dados .....	65
Quadro 7 - Sistema de transcrição dos entrevistados .....	66
Quadro 8 - Resultado de tabela pelo participante A.....	72
Quadro 9 - Resultado de tabela pelo participante B .....	76
Quadro 10 - Resultado de tabela pelo participante C .....	80
Quadro 11 - Resultado de tabela pelo participante D.....	84
Quadro 12 - Resultado de tabela pelo participante E .....	88
Quadro 13 - Resultado de tabela pelo participante F.....	92

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado de tabela pelo participante A .....	68
Tabela 2 - Resultado de tabela pelo participante B .....	73
Tabela 3 - Resultado de tabela pelo participante C .....	77
Tabela 4 - Resultado de tabela pelo participante D .....	80
Tabela 5 - Resultado de tabela pelo participante E .....	84
Tabela 6 - Resultado de tabela pelo participante F.....	89

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultado Participante A.....	69
Gráfico 2 - Resultado Participante B.....	73
Gráfico 3 - Resultado Participante C.....	77
Gráfico 4 - Resultado Participante D.....	81
Gráfico 5 - Resultado Participante E.....	85
Gráfico 6 - Resultado Participante F.....	89

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABI	Articulação-Boca Integral
ABP	Articulação-Boca Parcial
ABC	Articulação-Boca Classificadora
ASL	Língua de Sinais Americana
EaD	Educação à Distância
IATEL	Instituto de Audição e Terapias da Linguagem
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Imaterial
IPOL	Instituto de Políticas Linguísticas
Libras	Língua Brasileira de Sinais
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
SAB	Sem Articulação-Boca
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1	OBJETIVOS .....	19
1.1.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	<b>19</b>
1.1.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>19</b>
1.2	JUSTIFICATIVA.....	20
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E AS FILOSOFIAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS QUE A ATRAVESSARAM</b> .....	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>aquisição de linguagem dos sujeitos surdos</b> .....	<b>35</b>
3.1	AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA PELAS CRIANÇAS SURDAS .....	36
3.2	AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PELAS CRIANÇAS SURDAS .....	38
<b>4</b>	<b>O ESTUDO DAS EXPRESSÕES NÃO MANUAIS DENTRO DA LINGUÍSTICA DA LIBRAS</b> .....	<b>40</b>
4.1	AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS NA PERSPECTIVA DOS MORFEMAS-BOCAS.....	45
4.2	A ARTICULAÇÃO-BOCA COMO PROCESSO NATURAL DA LÍNGUA DE SINAIS E/OU COMO SOBREPOSIÇÃO DA PALAVRA FALADA .....	47
4.2.1	<b>O conceito de articulação-boca</b> .....	<b>51</b>
4.3	A SOBREPOSIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA LÍNGUA DE SINAIS .....	52
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>54</b>
5.1	O CAMPO DE PESQUISA: CORPUS DE LIBRAS .....	55
5.1.1	<b>Estudo de processo “<i>mouthings</i>” na transcrição dos dados</b> .....	<b>58</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISES E RESULTADOS DOS DADOS</b> .....	<b>60</b>
6.1	SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA ARTICULAÇÃO-BOCA E SINAIS VISUALIZADOS.....	62
6.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	64
6.3	RESULTADO DOS SINAIS PARA OS DADOS COLETADOS.....	68
6.3.1	<b>Resultados de Participante A</b> .....	<b>68</b>
6.3.2	<b>Resultados de Participante B</b> .....	<b>72</b>
6.3.3	<b>Resultados de Participante C</b> .....	<b>76</b>
6.3.4	<b>Resultados de Participante D</b> .....	<b>80</b>
6.3.5	<b>Resultados de Participante E</b> .....	<b>84</b>
6.3.6	<b>Resultados de Participante F</b> .....	<b>88</b>
6.4	DISCUSSÃO E RESULTADOS .....	93
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>95</b>
7.1	REFLEXÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE DISCUSSÃO PARA UMA NOVA PESQUISA.....	96
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>99</b>





## 1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua rica oriunda das comunidades de pessoas surdas do Brasil. Seus sinais são formados a partir de cinco parâmetros: configuração de mãos, ponto de articulação, movimentos, orientação e expressões não-manuais. Este último é responsável pelos tipos de sentenças e nuances de significados dos sinais. Ao se comunicar, os Surdos usam diversos tipos de expressões faciais que envolvem também a articulação da boca. Muitas vezes, ao sinalizar eles pronunciam parcial ou completamente a palavra por meio da articulação labial.

Esta pesquisa visa a explicar o conceito de articulação-boca também, conhecido como *mouthing* — balbucio em inglês —, que é o movimento da boca usado no momento da comunicação espaço-visual das línguas de sinais. De acordo com Boyes, Braem e Sutton-Spence (2001, p. 134, tradução nossa), “os gestos da boca podem ser considerados como sinais não manuais, uma vez que o termo é geralmente entendido, pelos receptores que identificam '*mouthings*' como palavras, que traçam movimentos visualmente perceptíveis da boca cujas origens são a língua falada”.

A comunicação nas línguas de sinais exige contato visual contínuo. Ao se comunicar, os Surdos fazem uso da articulação-boca para transmitir informações. Esses movimentos característicos têm significados que variam a depender do contexto da comunicação.

Nesta pesquisa, busca-se compreender os motivos que levam os Surdos a usarem a articulação-boca na sua comunicação. Determinar como surgiu este fenômeno linguístico nas comunidades surdas pode ajudar a compreender se ele ocorre devido, ou não, à influência da Língua Portuguesa (LP) estudada nas escolas, nas clínicas fonoaudiológicas ou no contato com pessoas ouvintes ou se é um processo natural resultante do contato entre línguas de modalidades diferentes. Por isso, faz-se necessário pesquisar a história da comunidade surda para compreender de onde surgiu esse fenômeno.

O interesse pelo tema articulação-boca surgiu durante a graduação no curso de Letras/ Libras (EaD), em 2008 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na cidade de Florianópolis. A disciplina “História da Educação de Surdos” abordou, dentre vários temas, o Congresso de Milão que instituiu a oralização como método de ensino obrigatório para as pessoas surdas e proibiu o uso das línguas de sinais no Mundo. A partir desse período, os Surdos foram obrigados a aprender a oralizar e a compreender os movimentos de boca por

meio da leitura labial. A persistente busca pela oralização dos Surdos trouxe consequências dolorosas. Conforme Gesser (2009, p. 50):

A oralização deixou marcas profundas na vida da maioria dos surdos. Pode-se dizer que a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração. [...] Oralizar é sinônimo de negação da língua dos surdos. É sinônimo de correção, de imposição de treinos exaustivos, repetitivos e mecânicos da fala.

Os Surdos foram submetidos a sessões de tratamento com fonoaudiólogos, mesmo sem a vontade de fazê-lo. Eles tinham muitas dificuldades em desenvolver a oralização, o que causou traumas e sentimentos de incapacidade e frustração. Alguns Surdos conseguiram se desenvolver, mas não semelhante à fala das pessoas ouvintes.

Ao cursar esta disciplina, os estudantes Surdos presentes se identificaram com o que aconteceu naquela época. A maioria deles passou por situações de opressão em que a Libras foi proibida e nas quais foram obrigados a oralizar. No entanto, todos eles hoje são adultos fluentes em Libras que a utilizam de maneira confortável. Porém, alguns deles utilizam a articulação-boca na comunicação e outros não. Houve uma discussão na sala de aula sobre a utilização da articulação-boca, se essa ocorre devido à influência da oralização na educação de Surdos ou não. Será que a articulação-boca surgiu a partir da prática na terapia fonoaudiológica e os Surdos se acostumaram a utilizá-la também ao sinalizar em Libras? Ou é um processo natural usado pelos Surdos que faz parte da estrutura linguística das línguas de sinais (LS)?

De maneira espontânea, ocorrem mudanças históricas nas línguas naturais, por isso, é importante estudar como isso ocorre nas LS. Será que a articulação-boca ocorre apenas com a pessoa surda oralizada fluente em Libras ou acontece também com a pessoa surda não oralizada? A articulação-boca é um processo natural da LS? Ou resultado do contato entre línguas de modalidades diferentes? Pizzio (2011, p. 35) afirma que:

As línguas de sinais se apresentam em uma modalidade diferente das línguas faladas. Estas últimas são línguas orais-auditivas, ou seja, são percebidas pela audição e produzidas por meio da fala. Já as línguas de sinais são línguas visuo-manuais, ou seja, são percebidas pela visão e produzidas por meio das mãos no espaço de sinalização. São geralmente denominadas como línguas visuo-espaciais.

Analisando a citação anterior, Pizzio (2011) apresenta as modalidades de produção e recepção das línguas naturais: oral-auditiva ou espaço-visual. Essas modalidades possuem

suas características e especificidades. As pessoas não surdas ouvem e produzem a fala como vocalização sonora naturalmente. No caso dos Surdos, eles não são estimulados por meio da audição a falarem por meio da vocalização sonora visto que sua língua é visual e os sinais são articulados com as mãos no espaço, usando também o corpo e a expressão facial. Por conta disso, a pesquisa visa a descobrir em quais situações as pessoas surdas fazem uso da articulação-boca e se ocorre a partir do contato linguístico entre a LP em contextos específicos.

Neste estudo, há duas possíveis hipóteses: é possível que a articulação-boca, ou *mouthing*, possua significados específicos, ocorra em contextos restritos na Libras e se caracterize como uma expressão natural do movimento de articulação da boca; ou é possível que ao sinalizar, os sujeitos Surdos façam uso da articulação-boca como uma espécie de transposição linguística entre a LP e Libras, influenciados pela oralização da LP.

Apesar de essa pesquisa estar vinculada à área da Linguística da Libras, buscar apresentar um pouco sobre a História da Educação de Surdos, sobretudo os acontecimentos históricos que levaram ao congresso de Milão, mostra-se importante visto que a imposição da oralização deixou marcas profundas na comunidade surda e refletiram no desenvolvimento das LS ao redor do mundo. Por isso, a análise acerca da influência da oralização servirá para contextualizar a pesquisa, a fim de buscar compreender o porquê de as pessoas surdas utilizarem a articulação-boca.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar o uso da articulação-boca na sinalização de pessoas surdas fluentes da Libras.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar a sinalização de pessoas surdas a partir de sua própria narrativa para identificar se aquelas que utilizam a articulação-boca o fazem, utilizando-a de maneira natural, ou o fazem influenciados pela LP apenas em contextos restritos em Libras;
- Analisar o histórico dos sujeitos envolvidos na pesquisa para identificar a possível influência da oralização na utilização da articulação-boca;

- Compreender se a utilização da articulação da boca serve como estratégia para melhorar o processo de comunicação entre pessoas surdas falantes da Libras.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa desta pesquisa está em entender se o comportamento linguístico da comunidade surda, no que se refere à articulação-boca, é influência do método oral trazido pelo Congresso de Milão e que ainda persiste nos sistemas educacionais para Surdos ou se faz parte da expressão facial e é um componente linguístico das línguas de sinais.

Acredita-se que algumas pessoas surdas, por terem experiências com a prática da oralização, podem ser influenciadas a usar a articulação boca com mais frequência do que os que não tiveram contato com a terapia fonoaudiológica. Assim, é importante entender qual motivo leva ao uso da articulação-boca a partir de investigações de questões históricas envolvidas por meio do depoimento dos participantes.

Saber se o tipo de escola em que o sujeito estuda influencia nessa questão —se escola regular, inclusiva ou bilíngue — pode também apontar o caminho para o desenvolvimento natural da comunicação em Libras sem interferência da LP. Além disso, é necessário compreender se a idade das pessoas surdas tem relação com o uso da articulação-boca, por conta de a forma de educar os Surdos ser diferente se comparar o tempo passado com o presente para verificar se a situação de influência da oralização ainda continua ou diminuiu.

Para esta pesquisa, escolheu-se a comunidade catarinense surda, Surdos residentes na região da Grande Florianópolis no estado de Santa Catarina, dado que eles participaram voluntariamente de entrevistas que foram documentadas por meio de registros de vídeo os quais encontram-se disponíveis no site de *corpus* de Libras,

Acredita-se que discutir este tema seja relevante a fim de notar a influência da Língua Portuguesa na Libras e apresentar uma nova perspectiva acerca dos estudos da língua de sinais (LS) ao observar o aspecto histórico da mudança linguística a partir da influência de línguas em contato. Muitas pesquisas já foram realizadas sobre as mudanças das línguas orais. No entanto, o mesmo não ocorre com as línguas de sinais. Elas também merecem este tipo de estudo.

No próximo capítulo, será esboçado um pouco da História da Educação de Surdos a fim de perceber o lugar da Libras e da LP nessa educação e a influência da LP sobre a sinalização da Libras.

## **2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E AS FILOSOFIAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS QUE A ATRAVESSARAM**

Compreender a História da Educação de Surdos é de suma importância para perceber o impacto que essa educação teve (e tem) na vida dos Surdos em relação ao treino da articulação da fala. Para isso, será apresentado um pouco da trajetória da Educação de Surdos, bem como as três filosofias educacionais que a atravessaram, a saber: Método Oral ou Oralismo, Método Comunicação Total e Método Bilíngue ou Bilinguismo.

Durante muito tempo, os Surdos eram vistos como sujeitos defeituosos que nem mereciam ser educados, pois acreditava-se que não pensavam. Como explica Sá (1999, p. 71):

A história dos surdos começa muda, apagada e triste. Começa semelhantemente a história de diversos segmentos minoritários de pessoas que se caracterizam por algum tipo de estranheza, como que denunciando a dificuldade que o homem tem de aceitar o diferente, o deficiente, o trabalhoso, o feio, o imperfeito.

Na Idade Antiga — durante o Século XII, que corresponde ao período da descoberta da escrita até 476 d.C. —, na Europa, mais especificamente em Roma, acreditava-se que os Surdos eram castigados ou enfeitiçados pelos deuses, por isso não falavam e usavam a LS. Ainda nesse período, os Surdos não recebiam herança pois não tinham direito à educação (HONORA, 2014).

Na Grécia, os Surdos eram considerados inválidos e incômodos para a sociedade. Aristóteles, filósofo grego, acreditava que a pessoa surda não tinha competência ou pensamento, ou seja, era irracional e, por isso, não conseguia expressar pensamentos, enfim, não poderia ser educada.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica tinha grande influência social. Segundo ela, quem nascia com alguma imperfeição não havia sido criado “à imagem e semelhança de Deus” (HONORA, 2014, p. 50) e, portanto, não era considerado humano. Havia decretos contra o casamento de duas pessoas surdas só sendo permitido àqueles que recebiam favor do Papa. Os Surdos eram proibidos de receber a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados. Existiam leis que proibiam os Surdos de receberem heranças, de votar e de exercer quaisquer direitos enquanto cidadãos. Conforme Fernandes (2012, p. 20):

Os surdos foram vítimas de uma concepção equivocada que vinculava a surdez à falta de inteligência, levando-os a serem marginalizados com base na crença

hegemônica de que como não poderiam falar não desenvolveriam linguagem, não poderiam pensar e, portanto, não haveria possibilidades de aprendizagem formal. Esse pensamento influenciou as práticas sociais durante toda a Antiguidade e grande parte da Idade Média sendo os surdos privados do acesso à instrução – que significava ler, escrever e calcular à época.

Neste período, os monges, que tinham feito o voto de silêncio, se comunicavam de maneira estratégica por meio de uma “linguagem gestual rudimentar” ou sinais monásticos. Dessa forma, “a Igreja Católica resolveu convidar alguns monges para serem preceptores dos Surdos, filhos dos senhores feudais, em troca de grandes fortunas” (HONORA, 2014, p. 50). No período final da Idade Média:

[...] filósofos e pensadores passaram a difundir a ideia da possibilidade de aprendizagem dos surdos e experiências isoladas foram desenvolvidas [...] demonstrando que a compreensão e a expressão de ideias não dependiam necessariamente da audição ou da fala. (FERNANDES, 2012, p. 23-24).

Naquele período, havia muitos casamentos consanguíneos entre os nobres para conservar a herança dentro da família, o que resultou num grande número de Surdos entre eles. Preocupados com o futuro de seus descendentes, tais nobres buscaram meios para que eles fossem educados e aprendessem a falar para receber sua herança. A partir de então, no início da Idade Moderna, a educação de Surdos, filhos de nobres, passou a ter destaque.

A Educação de Surdos passou a ter uma grande influência da oralização devido à cultura da sociedade majoritariamente ouvinte que acreditava que os Surdos deveriam se comunicar por meio da fala, mesmo que esta fosse uma atividade mecânica para os Surdos. Eles acreditavam que “a única forma desejável de comunicação para o sujeito Surdo é o oralismo e a língua de sinais deve ser evitada a todo custo porque atrapalha o desenvolvimento da oralização” (PERLIN; STROBEL, 2008, p. 12). Neste contexto, as pessoas surdas foram obrigadas a desenvolver a fala para acompanhar a sociedade.

Surge então, o **Oralismo**. A concepção da proposta do método oral é que os Surdos devem treinar a oralização para desenvolver a comunicação. Assim, eles usam estratégias no processo de aprendizagem para incentivar o desenvolvimento da fala pelos Surdos que eram obrigados a estudar a articulação labial porque acreditavam que eles poderiam se expressar oralmente como as outras pessoas ouvintes.

A Educação de Surdos sofreu uma reviravolta positiva na França quando, por volta de 1750, o abade francês Charles Michel De L’Epée (1712-1789), fundou a primeira escola pública para Surdos — o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris — e treinou inúmeros

professores para Surdos. Ele reconheceu a LS como “o único veículo adequado para desenvolver o pensamento e a comunicação dos Surdos” (FERNANDES, 2012, p. 29). Segundo Lopes (2011, p. 44):

A educação de surdos feita por l'Épée funcionou como condição de possibilidade para que muitos surdos se articulassem numa comunidade surda e para que a modalidade linguística desse grupo pudesse ser reconhecida como uma forma de comunicação e um método de aprendizagem.

Silva (2006, p. 23-24) afirma que após cinco ou seis anos de formação, os Surdos ensinados por ele:

dominavam a língua de sinais francesa, o francês escrito, o latim e uma outra língua estrangeira também, de forma escrita [...] tinham acesso aos conhecimentos de geografia, astronomia, álgebra, etc., bem como artes de ofício e atividades físicas.

Enquanto na França, o método gestual ou gestualismo era usado na educação dos Surdos; na Alemanha e Inglaterra, o método oral criava cada vez mais forças. Samuel Heinicke (1727-1790) que ficou conhecido como fundador da filosofia oralista, acreditava que a utilização dos “gestos” era um retrocesso no avanço do aluno. Seus seguidores aperfeiçoaram suas técnicas e metodologias, proibindo terminantemente qualquer uso de sinais na educação dos Surdos.

Eles acreditavam que a melhor forma de proporcionar formação e desenvolvimento na aprendizagem dos Surdos era por meio do método oral. Segundo eles, os Surdos teriam a capacidade de aprender a estrutura da língua falada se tivessem a oportunidade de conseguir produzir a fala. Como esclarece Sá (1999, p. 69):

A abordagem educacional oralista é aquela que visa a capacitar a pessoa surda a utilizar a língua da comunidade ouvinte na modalidade oral como única possibilidade linguística, de modo a que seja possível o uso da voz e da leitura labial tanto nas relações sociais como em todo o processo educacional. A língua na modalidade oral é, portanto, meio e fim dos processos educativos e de integração social.

Portanto, a LS foi reduzida no processo educacional dos Surdos na época, visto que os educadores não enxergavam a importância da língua visual na educação dos Surdos. Eles acreditavam que a oralização era a única possibilidade aceitável de comunicação para Surdos que garantiria a independência na vida social, vida pessoal, no emprego e no contato com as

outras pessoas ouvintes como, a família, etc. Com isso, os Surdos foram obrigados a aprender, além da oralização, a leitura labial, como afirma Botelho (2002, p. 93):

a leitura oral é também proporcionada nas escolas como o objetivo de vincular o sujeito surdo à categoria “ouvinte”, pode ser entendida com sinal de certo status pessoal: “A postura dele é bem de ouvinte. Com os olhos e falando. Em voz alta, ou ele lê em voz baixa, sem fazer movimento [...]”.

No método oral, a língua de sinais é rejeitada e a pessoa surda é vista como deficiente, como alguém que tem um problema, uma falha ou falta e precisa da fala para se tornar normal. No método oral, segue-se um “currículo audiológico/audiométrico que se serve de técnicas e recursos não educacionais para dirigir todos os esforços institucionais para uma possível reconversão do ser Surdo em ser ouvinte” (SKLIAR, 1997, p. 259). Para tanto, utilizam-se como principais técnicas o treinamento auditivo, o desenvolvimento da fala e a leitura labial.

A partir da leitura do Atas Congresso de Milão (BRASIL, 2011), nota-se que no século XIX, explica que no mês de setembro de 1880, houve um congresso organizado por defensores do Oralismo para debater a proposta educacional para Surdos e assim, resolver o impasse de ensino para os “Surdos-mudos”, termo usado na época. Veja a seguir, algumas questões debatidas:

1. Em que se deve basear o plano de trabalho de uma escola de surdos-mudos?
  2. Qual é a melhor idade para o surdo-mudo ingressar na escola? Quando a aprendizagem ocorre por meio da articulação ou quando ocorre por meio de sinais?
  3. Quais são as condições físicas e intelectuais necessárias para permitir que o surdo-mudo seja bem instruído e obtenha uma pronúncia inteligível?
  4. Qual deve ser a duração da aprendizagem do surdo-mudo, quando utilizado o método da articulação ou o método de sinais?
  5. É necessário separar os surdos-mudos congênicos daqueles que se tornaram surdos por meio de doença?
  6. Para quantos alunos um professor consegue ensinar detalhadamente, usando o método articulatório ou o de sinais?
  7. Os surdos-mudos devem ter o mesmo professor durante todo o período educacional ou deve-se mudar de professor, quando os surdos-mudos tiveram assimilado uma certa quantidade de informação?
  8. Durante as ligações, os alunos devem geralmente ficar sentados ou em pé? Eles devem, de modo geral, escrever em quadros-negros ou em lousas?
  9. Quanto tempo deve durar cada lição? Deve haver um intervalo entre duas lições?
- (BRASIL, 2011, p. 13)

Percebe-se, no trecho, que a discussão girava em torno da situação educacional para os “surdos-mudos” e sua principal preocupação era descobrir qual era o melhor método para



educar os Surdos, se o método articulatório ou por meio de sinais. Sobre isso, apresentam-se as questões a seguir:

1. Relate as vantagens do Método de Articulação em contraposição ao Método de Sinais e vice-versa (sobretudo levando-se em consideração o desenvolvimento mental e ressaltando sua importância no âmbito social)
2. Explique em que consiste o Método 'Oral Puro' e mostre a diferença entre este o Método 'Combinado'.
3. Defina exatamente o limite entre os chamados Sinais 'Metódicos' e os 'Naturais'.
4. Qual é o meio mais natural e efetivo pelo qual os surdos-mudos poderão adquirir, sem dificuldade, sua própria linguagem?
5. Quando e como a gramática deve ser usada no ensino da linguagem? Deve ser usada linguagem articulada ou a de sinais?
6. Quando os alunos deverão fazer uso de manuais ou livros? Em que disciplinas devem ser suprimidos?
7. Não deveriam fazer parte integral da educação do aluno surdo-mudo atividades básicas de desenho, isto é, desenho à mão livre?
8. Que quantidade de conhecimento um surdo-mudo deve alcançar em diferentes matérias de estudo, em um determinado período de tempo (primeiro pela articulação e segundo por meio de gestos)?
9. Através de que sistema educacional se consegue alcançar o melhor regime em uma escola de surdos-mudos? (BRASIL, 2011, p. 14).

Verifica-se nos tópicos que a discussão tendia para uma crítica negativa sobre o método de sinais, acreditando que ele não possibilitaria a integração à sociedade, ou seja, havia um discurso ideológico de que o método de articulação era mais vantajoso que o método de sinais.

Dessa forma, havia duas propostas para a educação de Surdos: o sistema alemão que defendia a articulação e o aprendizado da leitura labial; e a outra proposta, o sistema francês, que defendia o uso dos sinais na educação dos Surdos (BRASIL, 2011).

Sobre a defesa do método de sinais, aparece a figura do americano Thomas Gallaudet. Ele era reverendo da igreja de Sant'Ana para "surdos-mudos", em Nova Iorque, e decidiu utilizar a "linguagem" de sinais por cinquenta anos, ciente da importância dela para os "surdos-mudos" se comunicarem. Ele inclusive discutiu o pai-nosso na "linguagem" dos sinais (BRASIL, 2011).

Outras figuras importantes foram o Sr. R. Elliott, britânico e diretor do asilo para surdos-mudos em Londres e em Margate e o francês Sr. Léon Vaisse. Ambos acreditavam que a melhor forma de conduzir o processo educacional era por meio do método combinado. Este método combinado, também chamado de Comunicação Total, será mais explicado à frente.

Voltando para a história, outro defensor do método oral foi o Dr. Abade Balestra, diretor da instituição em Como, na Itália. Ele acreditava que as crianças surdas conseguiam falar, sem usar os sinais, nem pantomimas. Assim, defendia o método da oralização.

Percebe-se que os três discutiam a proposta educacional de diferentes perspectivas de métodos, cada visão escolhida a partir do que acreditavam ser melhor.

Outros estudiosos da educação de Surdos na época foram 3 professores que se correspondiam por cartas em inglês a fim de discutir as propostas para Surdos. Eram o francês Sr. Hull, professor de uma escola particular em Kensington; o alemão Sr. Hugentobler (Lyon), reitor Rossler da Instituição de Hildesheim, na Alemanha; e Dr. Peet que morava em Nova Iorque. Eles leram e discutiram sobre a proposta do método oral para os alunos “surdos-mudos” (BRASIL, 2011).

Após muita discussão, decidiram que era hora de se reunir para decidir as propostas que seriam postas em votação. Foi estabelecida a realização da primeira conferência internacional, o conhecido Congresso de Milão, na Itália no ano 1880. Sobre este congresso, Quadros (2006, p. 26) relata:

O Congresso de Milão, realizado no período de 06 a 11 de setembro de 1880, reuniu cento e oitenta e duas pessoas, na sua ampla maioria ouvintes, provenientes de países como Bélgica, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Suécia, Rússia, Estados Unidos e Canadá. O objetivo foi discutir a educação de surdos e analisar as vantagens e os inconvenientes do internato, o período necessário para educação formal, o número de alunos por salas e, principalmente, como os surdos deveriam ser ensinados, por meio da linguagem oral ou gestual.

Vários professores estrangeiros relataram seus argumentos contra e a favor do método a ser adotado. Dentre eles, o preferido foi o Método Oral. Na citação a seguir, pode-se observar o que os críticos diziam sobre os métodos oral e de sinais:

[...] excetuando-se apenas o Método Oral Puro, com o qual agora “está perfeitamente satisfeita”. No seu modo simples de falar, mas muito eficiente, comunicou que ‘havia desistido dos sinais, pois ele prejudicava a fala, desistiu do Sistema Combinado por que prejudicavam tanto a voz quanto a língua, desistiu de símbolo vocais (*visible speech*), pois anulavam o processo da natureza, retardando o domínio da fala já existe. [...] O método Oral é possível, o Sistema Misto é impossível e ilógico. [...] Acreditava que os surdos-mudos, quando, necessitavam de ensino superior, não se sentiam numa posição agradável em escolas para ouvintes, devendo, assim, ser encaminhados para escolas especiais. [...] Acreditava não haver o número suficiente de surdos-mudos que justificasse a fundação de instituições especiais [...] então, se estes professores teriam obtido emprego no ensino para surdos-mudos. (BRASIL, 2011, p. 23-24, 31-32).

De acordo com o relato acima, acreditavam que o uso dos sinais poderia prejudicar a aprendizagem e o desenvolvimento da língua falada, eles desejavam excluir o uso dos sinais e estabelecer o método oral puro. Eles possuíam uma ideia forte, embasada no argumento de que a pessoa surda poderia aprender a língua falada, desde que não houvesse a interferência dos sinais e, por isso, era importante incentivar a prática do método articulatório o quanto antes para ganhar tempo no desenvolvimento cognitivo da fala, possibilitando a compreensão da estrutura gramatical da língua oral e desenvolvimento e ampliação da abstração.

Na visão deles, o sistema misto ou combinado não possibilitava o desenvolvimento da fala, pois ao usar os dois métodos ao mesmo tempo, os sinais atrapalhavam a comunicação e confundiam os Surdos. Por essa perspectiva, o uso de sinais foi duramente criticado, considerado um método precário, insuficiente, incompleto, subvalorizado e incapaz de ajudar a compreensão da estrutura gramatical da língua oral.

Capovilla (2000, p. 102) esclarece que “ainda assim, apesar das intenções de integração, não se pode dizer que o método oralista tenha tido sucesso em atingir seus objetivos, quer em termos de desenvolvimento da fala, quer da leitura e escrita”, significando que o método não foi suficientemente eficiente para garantir resultados satisfatórios.

Skliar (2010) explica que o congresso de Milão surgiu a partir de uma visão política e também religiosa. Os filósofos e educadores acreditavam que os Surdos poderiam tratar a fala para serem como ouvintes e conquistarem os mesmos direitos:

Ainda que seja uma tradição mencionar seu caráter decisivo, o Congresso de Milão, de 1880 - onde os diretores das escolas para surdos mais renomadas da Europa propuseram acabar com o gestualismo e dar espaço à palavra pura e viva, à palavra falada não foi a primeira oportunidade em que se decidiram políticas e práticas similares.[...] Apesar de algumas oposições, individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial [...] o ouvintismo, ou o oralismo, não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. Convivem dentro dessas ideias outros pressupostos: os filosóficos - o oral como abstração, o gestual como sinônimo de obscuridade do pensamento; os religiosos - a importância da confissão oral, e os políticos - a necessidade da abolição dos dialetos, já dominantes no século XVIII e XIX. (SKLIAR, 2010, p. 16-17).

Os educadores e filósofos não permitiam que as pessoas surdas usassem “gestos”, porque acreditavam que eram puramente icônicos, não dotados de abstração e, portanto, prejudicavam o pensamento. Por isso, eles queriam acabar com a utilização dos gestos na educação dos Surdos, para que estes pudessem se comunicar sem esse “defeito” da

linguagem. Strobel (2008, p. 25) comenta o resultado do que foi deliberado no Congresso de Milão:

Devido às proibições de compartilhar uma língua cultural do povo surdo em resultado emitido pelo Congresso Internacional de Educadores de surdos ocorrido em Milão, na Itália, no ano de 1880, o uso de língua de sinais foi definitivamente banido a favor da metodologia oralista nas escolas de surdos.

Na análise do texto do documento contido no livro chamado “Atas do Congresso de Milão” do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), documento traduzido da língua inglesa para a língua portuguesa, percebe-se o impacto do Congresso de Milão na vida educacional dos Surdos.

A partir daí, a educação de Surdos passou a adotar o método oral mundialmente. Vale salientar que todos os envolvidos nessa decisão, os educadores, os filósofos e os médicos eram ouvintes, influenciados por sua perspectiva de comunicação oral, por isso, a favor da proposta de ensino pelo método oral para as pessoas surdas. Então, na votação que ocorreu no congresso, foi aprovada a inserção do sistema articulatório na Educação de Surdos, como observa a autora Goldfeld (2002, p. 31): “o Oralismo venceu e o uso da língua de sinais foi oficialmente proibido. É importante ressaltar que aos professores surdos foi negado o direito de voltar”.

O texto do “Atas do Congresso de Milão” não utilizou a palavra “proibição”, mas fica evidente que os membros presentes, educadores e os filósofos eram contra o método de sinais. Apesar de haver as duas propostas, a maior porcentagem escolheu o método alemão:

A opção dos organizadores do evento de convidar os membros de tal sociedade para apresentarem seus estudos demonstra já na origem do Congresso uma opção que se confirmará nas resoluções votadas pela maioria de favoráveis ao sistema “alemão” (VIEIRA-MACHADO; BARBOZA; MARTINS, 2019, p. 71).

Com base em Quadros (2008, p. 21-22), “a proposta oralista fundamenta-se na ‘recuperação’ da pessoa surda, chamada de ‘deficiente auditivo’. O oralismo enfatiza a língua oral em termos terapêuticos”. No entanto, o Oralismo trouxe inúmeros problemas aos indivíduos Surdos. A maioria deles saía da escola sem aprender a ler ou escrever, apresentando dificuldades de comunicação (HONORA, 2014).

Portanto, percebe-se que o método oral não foi suficiente para o desenvolvimento das pessoas surdas, houve falhas em alcançar o objetivo da oralização pelos Surdos. Dessa forma, a linguagem oral mostrou-se ineficaz para a maioria dos Surdos como estratégia de

comunicação e acesso aos conhecimentos. Eles perceberam que era necessário usar como base a língua natural dos Surdos para que eles se desenvolvessem e tivessem acesso ao meio em que vivem.

Assim, após os constantes fracassos do método oral, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, surgiu o método combinado, a **Comunicação Total**. Considerada por alguns como um método mais flexível:

A Comunicação Total inclui todo o espectro dos modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura oro-facial, alfabeto manual, leitura e escrita. A Comunicação Total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura oro-facial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais e/ou sistemas de alta fidelidade para amplificação em grupo (STROBEL, 2006, p. 171).

Sobre o método Comunicação Total, Capovilla (2000), comentando acerca do Congresso de Milão, afirma que:

No entanto, o que permaneceu esquecido durante todo o século desde o Congresso de Milão de 1880 é que a linguagem oral não é a única forma de linguagem. Como o objetivo maior da filosofia educacional oralista era permitir o desenvolvimento da linguagem e como ela nunca chegou a realizar satisfatoriamente este objeto, passou a tornar-se cada vez mais atraente a ideia de que aquele mesmo objetivo de permitir ao surdo a aquisição e o desenvolvimento normais da linguagem poderia vir a ser alcançado por uma conta outra filosofia educacional que enfatizasse não a linguagem oral, mas todo e qualquer meio possível, incluindo os próprios sinais. (CAPOVILLA, 2000, p. 104)

Nesta nova filosofia educacional, ainda se tinha como foco a recuperação auditiva da pessoa surda, através do desenvolvimento da fala e da leitura orofacial. Porém, havia também o objetivo de promover a comunicação e, para este fim, tudo poderia ser usado: “a abordagem da Comunicação Total levava em consideração todas as formas possíveis de comunicação, liberando o uso da Língua Brasileira de Sinais, português sinalizado<sup>1</sup>, o uso de alfabeto manual, forma de amplificação sonora individual e coletiva, permissão de mímicas, leitura labial etc.” (HONORA, 2014, p. 92).

No entanto, a língua falada ainda era vista como principal para que o Surdo aprendesse na escola por acharem que o Surdo deveria aprendê-la para se comunicar com a sociedade

---

<sup>1</sup> Conforme Capovilla (2000), português sinalizado é um tipo de sistema baseado no vocabulário da língua de sinais com aspectos da língua falada, ou seja, os sinais são articulados seguindo a gramática da língua oral, gerando, na maioria das vezes, sentenças incompreensíveis para os surdos que seguem a sintaxe da língua oral, e não a gramática da Libras.

ouvinte, ainda persistia a busca pelo aprendizado da escrita da língua oral, porém, usando a LS, para possibilitar a comunicação para as pessoas surdas, conforme Sá (1999, p. 112):

A Comunicação Total advoga que visa a facilitar o processo ensino-aprendizagem da língua pela utilização de todo e qualquer recurso possível; nesse processo, aceita e estimula o uso de estratégias bimodais (no seu sentido amplo). Incentiva o uso de recursos comunicativos como: mímica, teatro, alfabeto datilológico, desenhos, escrita, leitura labial, gestos, sinais codificados e tantas quantas estiverem disponíveis para a utilização combinada ou simultânea com a fala.

No método Comunicação Total, também conhecido como Bimodalismo, ocorre o uso simultâneo de fala e de sinais, esta segunda usada apenas como estratégia para se chegar na língua oral durante o processo de ensino-aprendizagem para os alunos Surdos. Eles visavam a aprendizagem de cada palavra e o treinamento labial junto com os sinais, além da produção da fala.

Essa forma de ensinar, combinando a articulação labial, a leitura labial com os sinais visava melhorar a comunicação. De acordo com Goldfeld (2002, p. 38) que “a filosofia da comunicação total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes”. A aprendizagem da língua oral é destacada como a base comunicativa das pessoas surdas com a sociedade ouvinte, a fim de alcançar a independência e a proximidade com as pessoas ouvintes.

Capovilla (2000, p. 105) explica que a produção das palavras da língua oral, simultaneamente ao uso dos sinais, segue a gramática da língua oral:

Os sistemas de sinais podem basear-se no vocabulário da língua de sinais, mas adicionar a ele aspectos da língua falada, ou então podem adotar um vocabulário artificial. Sua característica mais importante é que neles a ordem de produção dos sinais sempre segue a ordem da produção das palavras da língua falada, que é produzida simultaneamente.

A visão do Bimodalismo era que utilizando-se o vocabulário da LS junto com a produção das palavras na fala, os Surdos seriam ajudados a perceber os significados da língua oral facilmente. Goldfeld (2002) comenta que esse método se opõe ao método oralista, porque no ensino a LS já era usada em oposição ao oralismo que não admitia o uso dos sinais. Houve uma pequena melhora na qualidade das práticas educacionais para Surdos e uma tímida evolução no desenvolvimento da aprendizagem das crianças surdas, no entanto, a LS não recebeu o destaque que merecia, sendo usada apenas como meio para se chegar à língua oral,

sendo assim, subvalorizada. Sobre a perspectiva educacional do método Comunicação Total, Goldfeld (2002, p. 40) relata:

No Brasil, além da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Comunicação Total utiliza ainda a datilologia, também chamada de alfabeto manual (representação manual das letras do alfabeto), o *cued-speech* (sinais manuais que representam os sons da língua portuguesa), o português sinalizado (língua artificial que utiliza o léxico da língua de sinais com a estrutura sintática do português e alguns sinais inventados, para representar estruturas gramaticais do português que não existem na língua de sinais) e o *pidgin* (simplificação da gramática de duas línguas em contato, no caso, o português e a língua de sinais).

Conforme citado acima, além da Libras e da língua oral, outros métodos comunicativos eram usados, porém, a LS estava subordinada à estrutura sintática da LP que era vista em sua complexidade estrutural gramatical e os léxicos eram demonstrados também na LS, sem respeitar, no entanto, sua gramática, o que impossibilita a compreensão e qualidade da mensagem em LS.

Utilizava-se também a datilologia para representar as palavras do português. Acreditava-se que a LS não possuía o *status* de língua com estrutura gramatical própria. Ela servia apenas como suporte para adquirir os conhecimentos da LP. Não se estudava a LS e sua estrutura como se fazia com a língua oral. Persistia a mesma visão que existia no Oralismo: a língua oral continuava sendo considerada superior à LS.

Como resultado, a LP interferiu na LS visto ser impossível a comunicação eficaz em duas línguas ao mesmo tempo, criando o que ficou conhecido como português sinalizado. Na verdade, a principal preocupação era com o aprendizado da LP, e não com o da LS. Goldfeld (2002, p. 42) afirma que:

A comunicação total não privilegia o fato de esta língua ser natural (surgiu de forma espontânea na comunidade surda) e carregar uma cultura própria, e cria recursos artificiais para facilitar a comunicação e educação dos surdos, que pode provocar uma dificuldade de comunicação entre surdos que dominam código diferentes da língua de sinais.

No entanto, como se afirma na citação, a Comunicação Total não teve sucesso ao usar simultaneamente as duas línguas, pois ao gerar uma nova modalidade, — o português sinalizado — apresentava-se uma língua incompleta para os alunos Surdos. O Surdo não conseguia adquirir nem a estrutura da LP nem a da Libras. Isso trouxe prejuízos para a compreensão dos conteúdos escolares, bem como para o aprendizado da LS porque o uso simultâneo das duas línguas, de modalidades diferentes, gerava sentenças incompreensíveis.

O uso de recursos artificiais como o português sinalizado é, no mínimo, problemático devido “à natureza extremamente distinta da língua de sinais” e da língua portuguesa, tornando a conciliação entre as línguas impossível (CAPOVILLA, 2000, 108). Ambas as línguas são códigos com estrutura própria para a comunicação e refletem culturas. Ambas são importantes para o Surdo:

A gramática de Libras difere muito da gramática de Língua Portuguesa e a Linguística já mostrou que não há língua melhor que outra. O discurso remete à ideia de que Libras não supre o aprendizado da Língua Portuguesa, por apresentar “defeitos”. Ora, Libras não se presta ao serviço de ser Português sinalizado, não depende da Língua Portuguesa, pois se trata de estruturas diversas. No caso da Libras, há elementos de sua gramática que a Língua Portuguesa não possui, tais como os classificadores, por exemplo. (QUADROS, 2008, p. 69)

Assim, tanto a LP como a LS são sistemas complexos que devem ser usados separadamente, e não por meio de um método combinado. Segundo Vieira-Machado, Barboza e Martins (2019, p. 61):

Esse, ‘protótipo’ de bilinguismo excedia o uso social, estando presente também em alguns espaços acadêmicos, como é o caso da Gallaudet University, em que o delegado americano narra que o ensino da língua articulada era oferecido nos Estados Unidos e que ambas as línguas conviviam entre os alunos de modo harmonioso.

Na universidade de Gallaudet, apesar de se oferecer o método de língua articulada, não excluía a LS na universidade. Nela, mantinha-se o respeito às pessoas surdas que se comunicavam de forma natural com a LS. Aquelas pessoas surdas que quisessem aprender a língua falada tinham essa opção e podiam ter conhecimento das duas línguas.

A partir de 1960, com a publicação de William Stokoe sobre a *American Sign Language* (ASL), passou-se a reconhecer a importância das línguas de sinais na Educação de Surdos. Outras pesquisas sobre outras línguas de sinais surgiram. A partir dos anos 2000, o **Bilinguismo** vai tomando forma e contornos, passando a ser defendido como método educacional mais adequado para os Surdos, tendo em vista que a nova concepção que defendia que a LS é necessária para a pessoa surda, visto que é sua base de comunicação.

A discussão sobre o método bilíngue traz uma nova perspectiva nos métodos educacionais para Surdos cuja relevância é a compreensão da relação entre língua e cultura na educação de Surdos. De acordo com Wiltkoski e Filietaz (2014, p. 229):



O método bilíngue deve apresentar aquilo que o identifica, o uso da língua de sinais e de uma didática que não a deixe longe daquilo que sabemos: o constitutivo do sujeito surdo, em seu operador totêmico, é o uso da visão e, com isto, a língua criada para este fim, a língua de sinais.

O método bilíngue traz a nova perspectiva sobre a importância da LS não como simples instrumento para se chegar à língua oral, mas como o fundamento da educação do sujeito Surdo que deve ter didática de ensino específica. Agora, a LS possui espaço visto que ela é vista como uma língua complexa com estrutura própria.

Segundo Goldfeld (2002), o bilinguismo busca alcançar que os Surdos sejam bilíngues, ou seja, adquiram a LS como sua língua natural ou primeira língua (L1) e aprendam a língua oral como segunda língua (L2) na modalidade escrita, ou seja, no caso do Brasil, a LP por ser a língua oficial do país. Esse tipo de bilinguismo é chamada de bilinguismo bimodal. De acordo com Quadros, Cruz e Pizzio (2012), o bilinguismo bimodal ocorre quando a pessoa utiliza duas línguas de modalidades diferentes: uma espaço-visual e a outra oral-auditiva. Na escola, a criança surda precisa ter acesso à Língua Portuguesa na modalidade escrita e, caso opte pela oralização, esta deve ser feita fora do ambiente escolar por profissionais da área de fonoaudiologia.

Vários pesquisadores<sup>2</sup> perceberam que o bilinguismo traz mais facilidade no aprendizado e desenvolvimento dos Surdos do que o método oralista e a Comunicação Total. Esse novo método garante que os Surdos sejam independentes e aceitem o jeito Surdo de ser, sem ter que imitar os ouvintes. Antes, devem assumir a sua condição com suas identidades e culturas próprias.

É importante entender que na filosofia bilíngue para Surdos, para que eles construam e desenvolvam sua cultura e sua língua, é necessário fazer parte da comunidade surda, pois é por meio do contato com seus iguais que a cultura e a língua se desenvolvem. Mas os Surdos podem aprender modalidade oral se quiserem, não é o mais importante no método bilíngue, mas é possível. A principal preocupação deve ser tornar os Surdos bilíngues, começando pelo estudo de sua própria língua a fim de compreender a modalidade visual e a estrutura dela e depois com o aprendizado da língua escrita.

Wilcox e Wilcox (2005) comenta que a comunidade surda passou a utilizar o termo Surdo (com S maiúsculo), fazendo a referência ao grupo linguístico e também cultural com o objetivo de diferenciá-lo do termo surdo (com s minúsculo) que faz referência à visão clínico-

---

<sup>2</sup> Dentre eles, estão Lopes (2011), Quadros e Cruz (2011), Fernandes (2012), Albres e Neves (2013), Vieira (2014), Skliar (2015) e Sá (2019).

patológica, construída a partir da visão médica que vê a surdez enquanto uma lesão física e uma falha.

O Bilinguismo deve, principalmente, buscar o modo e a forma de pensar sobre os Surdos, enquanto um povo com língua e manifestação cultural próprias. Cientistas e filósofos de várias universidades começaram a estudar sobre a Surdez dentro desta perspectiva, a LS e sua relação com a filosofia bilíngue. De acordo com o pensamento de Wiltkoski e Filietaz (2014, p. 230): “se o sujeito da educação bilíngue tiver sua língua e seus métodos visuais em cheque, estará entendendo a identidade do método bilíngue. Estaremos tendo novos arquivos necessários”.

Assim, fica evidente o quanto é importante que os profissionais que atuam na educação bilíngue tenham conhecimento dos métodos visuais e do espaço da própria identidade surda, ou seja, eles utilizem recursos didáticos visuais, façam registros dos materiais e metodologias para traçar o caminho na educação de Surdos. Essa visão acerca da Surdez é muito relevante para o desenvolvimento dos sujeitos Surdos e seu processo de aprendizagem no método bilíngue, pois a educação de Surdos deve apresentar a capacitação desses sujeitos em vários aspectos:

Os objetivos das primeiras aprendizagens devem abarcar 5 domínios: transmissão de uma língua natural, construção de uma identidade responsável capaz de viver em sociedade, desenvolvimento da curiosidade em relação ao mundo que a rodeia, desenvolvimento da imaginação, desenvolvimento da psicomotricidade (QUADROS; STUMPF, 2009, p. 440).

Portanto, é necessário incentivar o pensamento e a construção da identidade em cada um sujeito Surdo como se fosse uma “descoberta no espelho”, no sentido de fazer com que o sujeito olhe para si e se veja como alguém que tem uma língua, cultura e identidade próprias. O método bilíngue permite isso, pois ajuda o sujeito Surdo a trilhar seu caminho no mundo ao respeitar a LS na sua educação e nas diversas relações estabelecidas com os outros, permitindo-o compreender a sociedade em que vive e significá-la.

Após essa visita aos métodos educacionais que atravessaram a Educação de Surdos, faz-se necessário compreender como ocorre a aquisição de linguagem das crianças surdas, tanto da Libras como da LP. Isso será abordado no tópico seguinte.

### 3 AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM DOS SUJEITOS SURDOS

Nesta trajetória sobre a História da Educação de Surdos, percebe-se que a língua oral sempre influenciou a vida dos Surdos, principalmente, devido ao fato ocorrido durante o Congresso de Milão, cujas consequências ainda se notam atualmente. O fato de a LS ainda não ter o mesmo prestígio que as línguas orais, faz com que ela não seja divulgada na sociedade e poucas pessoas sejam fluentes em Libras.

Dessa forma, quando uma criança surda nasce, em sua maioria, conforme Skliar (1997), 95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, que desconhecem a Libras. Isso faz com que elas não tenham um ambiente linguístico adequado para aprender a LS. É importante refletir sobre como funciona a aquisição de linguagem da sua LS das crianças surdas para, se possível, perceber como o método oral passou a fazer parte da vida dos Surdos.

Para demonstrar a aquisição de linguagem das crianças surdas, faz-se necessário primeiro explicar o conceito de aquisição de linguagem para o campo de pesquisa sobre as crianças surdas em um processo de aquisição da LS. O estudo de linguística aliado à educação deve ser utilizado como base para compreensão da aquisição de linguagem. O estudo da LS, aliando a educação e a linguística, constitui-se como um campo recente e profícuo para a pesquisa acadêmica acerca das teorias do processo de aquisição da LS com as crianças surdas.

Quadros (2008), mestre e doutora em linguística aplicada, desenvolveu pesquisas sobre a teoria de aquisição de linguagem para crianças surdas e estudou aprofundamento a teoria de Chomsky. Ela estuda e analisa o processo de aquisição de L1 que se mostra diverso a depender do contexto social da criança surda, ou seja, se os pais são ouvintes ou Surdos.

Segundo autora, é importante a reflexão sobre a questão do bilinguismo para as crianças surdas a fim de se preparar uma programação educacional com a proposta bilíngue que privilegie a aquisição de linguagem das crianças surdas, por meio da Libras, bem como o estudo da língua portuguesa como segunda língua (L2) para as crianças surdas.

Ela atesta que é essencial um sistema educacional profissional que possibilite a aquisição de linguagem pelas crianças surdas filhas de pais ouvintes, pois ainda há poucas pesquisas na área sobre a aquisição de linguagem neste contexto. Conforme a autora, “esta área é ainda restrita a poucos: imagem visual, semiótica imagética ou também o uso de língua de sinais na sua aquisição, compreensão e captação do pensamento através da imagem visual” (QUADROS, 1997, p. 114). Essas questões precisam ser estudadas pois é urgente garantir às

crianças surdas a base para a aquisição de linguagem em um contexto em que há línguas em contato. Quadros (2008, p. 16), definiu o conceito da faculdade da linguagem de Chomsky (1995):

[...] que a faculdade da linguagem deve ser entendida como um componente da mente/cérebro do ser humano. Há um módulo na mente/cérebro dos seres humanos que é responsável pela linguagem. A natureza dessa faculdade é o objeto da teoria linguística que objetiva descobrir os princípios e elementos comuns das línguas humanas.

Esse conceito de faculdade da linguagem é interessante, pois apresenta o processo responsável pela capacidade de aquisição de conhecimento. Por meio dele, é possível entender a comunicação, o pensamento e a criatividade, ou seja, além da competência da linguagem do ser humano. A aquisição de linguagem para crianças surdas, assim como o das outras crianças, ocorre a partir do sistema inato para receber a linguagem a partir da interação com as pessoas ao seu redor. De acordo com Pizzio (2006, p. 7), o processo da linguagem da criança surda difere do da criança ouvinte, pois:

A ideia que a maioria das pessoas tem é de que uma criança adquirindo a língua de sinais se depara com uma tarefa bem diferente daquela criança que adquire uma língua falada. Esta atividade envolve um conjunto diferente de mecanismos e a linguagem é percebida de forma distinta, por um sistema sensorial diferente.

Essas especificidades serão abordadas no tópico a seguir.

### 3.1 AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA PELAS CRIANÇAS SURDAS

É importante discutir que o caminho percorrido na aquisição da LS de crianças Surdas filhas de pais Surdos ocorre naturalmente a partir da assimilação da estrutura linguística da LS na comunicação. O processo de aquisição da linguagem é próprio dos seres humanos e ocorre de maneira natural. Quando o bebê Surdo tem pais Surdos, ele vai adquirir a LS naturalmente devido ao contato com os pais Surdos. Quando o bebê é ouvinte, filho de pais ouvintes, ele vai adquirir a língua falada devido ao contato com seus pais ouvintes. Isso é o que distingue o processo de aquisição de linguagem das crianças surdas e ouvintes: a modalidade de língua: se oral ou LS. Pizzio (2006, p. 7) comenta que:

É importante ressaltar que o termo ‘bebês Surdos’, na apresentação dos estágios da aquisição da linguagem, refere-se às crianças surdas filhas de pais Surdos, que

adquirem a língua de sinais naturalmente, como as crianças ouvintes filhas de pais ouvintes.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, localizado na cidade do Rio de Janeiro, é referência para a Educação das pessoas surdas porque é um lugar que incentiva a educação bilíngue a partir de um programa para os Surdos com a LS como língua de instrução. Muitos Surdos que chegam no instituto, por serem filhos de pais ouvintes, apresentam aquisição de LS tardia. Em sua maioria, nunca tiveram contato antes com a comunidade surda usuária da LS.

Sobre a aquisição de linguagem e os estágios no processo de aquisição, Quadros e Cruz (2011) perceberam que no primeiro estágio de aquisição de linguagem, chamado de pré-linguístico, tanto os bebês Surdos e quanto os bebês ouvintes apresentam balbucio oral, por meio da articulação vocal, como o balbucio manual. No caso dos bebês ouvintes, este movimento da articulação-labial é incentivado pela família ouvinte que se comunica oralmente com ela e, ao ouvir, o bebê passa a produzir mais sons e descontinua com o balbucio manual.

No caso do bebê Surdo, filho de pais Surdos, por não ter estímulo auditivo na comunicação, ele passa a diminuir o movimento labial e continua com o manual e passa à fase de descoberta do seu mundo com a comunicação visual espacial. São dois caminhos que os dois bebês percorrem, diferenciando-se pela modalidade da língua: um tem a ver com o som e o desenvolvimento da língua falada e o outro desenvolve os sinais e sua competência e consciência linguísticas.

O processo de aquisição da LS, língua de modalidade espaço-visual, é tão natural quanto os das crianças ouvintes desde que ela tenha oportunidade de conviver com adultos Surdos usuários da LS para adquirir a comunicação. Nesse contexto, a criança surda tem a possibilidade de construir a estrutura linguística pois tem acesso ao *input* visual necessário para desenvolver a comunicação na língua dela. Conforme Quadros e Cruz (2011, p. 15): “quaisquer crianças adquirem a linguagem quando dispõe das oportunidades naturais de aquisição”.

Portanto, é de extrema relevância o contato com seus pares a fim de conviver com a língua materna e poder adquirir a comunicação, de maneira natural e espontânea. Campello (2007, p.128) afirma que

Com o uso da Língua de Sinais, podem desenvolver normalmente suas inteligências para poderem levar vidas produtivas, auto-suficientes, desenvolvendo uma auto-imagem positiva e gozar do respeito de seus pares.

O problema na aquisição de linguagem de crianças surdas se dá quando elas são filhas de pais ouvintes que desconhecem a LS, o que acarreta prejuízos para o desenvolvimento e aquisição da linguagem para bebês Surdos (QUADROS; CRUZ, 2011).

Calixto, Souza e Sansão (2020, p. 44) apontam que além do fato de a maior parte das crianças surdas serem filhas de pais Surdos, ainda há um atraso na descoberta da Surdez: “esse tempo de estagnação e não convívio com os pares linguísticos faz com que a aquisição de linguagem das crianças surdas seja atrasada”.

Dessa forma, o estímulo para a aquisição de LS com a criança surda deve ocorrer o mais cedo possível a fim de proporcionar a aquisição da LS e a possibilidade de compreender o que ocorre ao seu redor e de se comunicar. Dessa forma, a criança surda necessita ter oportunidade para que o processo de aquisição da Libras ocorra sem problemas como sugerem Calixto, Souza e Sansão (2020, p. 45-46):

para que o processo de aquisição de linguagem das crianças surdas filhas de pais ouvintes ocorra sem alterações, é necessário criar um ambiente linguístico sinalizante. [...] Assim, é fundamental a implementação de espaços institucionalizados em que a Libras esteja presente para o desenvolvimento dessa criança.

A aquisição da Libras possibilitará à criança surda “desenvolver aprendizagens mais complexas” (CALIXTO; SOUZA; SANSÃO, 2020, p. 46). No entanto, segundo Pêgo (2021, p. 20) “em relação ao português, as crianças surdas estão tendo acesso a essa língua de forma totalmente distorcida, pois estão, em sua grande maioria, em escolas para crianças ouvintes, falantes de português, onde o ensino da língua portuguesa acontece como língua materna (primeira língua)”. Esse tema será abordado no tópico a seguir.

### 3.2 AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PELAS CRIANÇAS SURDAS

O termo segunda língua (L2) se refere a qualquer outra língua adquirida depois da primeira devido à necessidade de comunicação e socialização. Pode ocorrer a partir de um contato intenso com uma língua que seja essencial para a comunicação e a integração do indivíduo ou por meio de estudo formal em sala de aula.

No caso das crianças surdas brasileiras, por viverem no Brasil, elas estão expostas à Língua portuguesa constantemente. Dessa forma, a aquisição da LP é essencial para que possam interagir com os ouvintes e com os textos escritos presentes no dia a dia.

Apesar de as crianças surdas filhas de pais ouvintes estarem mais expostas ao Português, devido à surdez, eles não conseguem ter o *input* linguístico adequado para sua aquisição. Faz-se necessário que tanto as crianças surdas filhas de pais ouvintes ou as filhas de pais, tenham educação formal para aprender a LP na modalidade escrita e isso pode ser proporcionado por meio da educação bilíngue. No entanto, no que se refere à aquisição de LP como L2 pelos Surdos, conforme Calixto (2021, p. 135):

apesar de a legislação garantir acesso aos Surdos ao sistema educacional, a maneira como esses têm acessado as unidades escolares tem se mostrado insatisfatória. [...] Devido à política de inclusão, os alunos Surdos são inseridos na sala de aula junto com os alunos ouvintes e as aulas de LP são ministradas para eles da mesma forma como são ministradas para os demais.

A metodologia usada para ensinar português às crianças surdas não pode ser a mesma usada para ensinar crianças ouvintes pois a relação com a língua de ambas é diferente. A autora atesta que a Libras deve ser usada como língua de intermediação do aprendizado, dado que ela “vai ter papel fundamental no aprendizado da LP, possibilitando aquisição de conhecimento de mundo e de língua pelos quais os alunos Surdos poderão atribuir sentido ao que leem e escrevem.” (CALIXTO, 2021, p. 137).

Em outras palavras, para que haja uma aquisição efetiva do português escrito pela criança surda, é necessário que ocorra primeiro a aquisição e sua L1, a Libras. Assim, a Libras poderá ser usada como língua de instrução primordial para o processo de ensino-aprendizagem da L2, isso porque ela é uma língua completa como pode ser visto no tópico a seguir sobre a Linguística da Libras.

#### **4 O ESTUDO DAS EXPRESSÕES NÃO MANUAIS DENTRO DA LINGUÍSTICA DA LIBRAS**

A Libras é uma língua natural, assim como as outras línguas. Ela é um sistema complexo de comunicação com todos os níveis de análise linguística de uma língua natural com capacidade expressiva e cultural do povo Surdo. A pesquisadora Gesser (2009, p. 33) comenta que “a língua de sinais tem estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independentemente de qualquer língua oral em sua concepção linguística”.

Quadros (2019) afirma que a Libras é a representação da comunidade surda usada pelas pessoas surdas que vivem nos espaços urbanos em seu cotidiano em diversos lugares como na associação de Surdos, em espaços esportivos de Surdos, nas escolas de Surdos, e nas lideranças surdas. O estudo da linguística da Libras tomou o espaço acadêmico a partir de pesquisadores que se interessaram pela Libras.

Ferreira (2010) estudou a Libras e percebeu que é uma língua natural, ou seja, com estrutura própria e possui todos os aspectos gramaticais, desde o fonológico, ao morfossintático, semântico e pragmático. Em abordagem recente da pesquisa das línguas de sinais, nota-se uma estrutura específica dos aspectos da Libras em comparação a outras línguas de sinais, que não são iguais aos da gramática das línguas orais. De acordo com Pêgo (2013, p. 23), verifica-se que, “os estudos linguísticos sobre a LSB são recentes – as primeiras pesquisas datam da década de 1980, com Ferreira-Brito e Felipe. Entre os aspectos estudados, destacam-se aqueles relacionados com a fonologia e a sintaxe.”

Os autores que pesquisam sobre as línguas de sinais possuem elementos comuns na estrutura da gramática, de acordo com Leite (2008, p. 20): “a ASL é hoje, sem dúvida, a língua de sinais mais estudada nesse campo ainda recente, em grande parte pelo pioneirismo do trabalho de Stokoe (1960)”.

Quadros (2019), Pizzio (2006), Ferreira (2010), Pêgo (2013) e Leite (2008), discutem sobre os aspectos gramaticais da Libras e fazem a descrição dos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da Libras. Nestes estudos, percebe-se que as expressões não manuais (ENM) são uma parte importante para a construção linguística.

As ENM incluem a expressão facial e a corporal. Esta última se caracteriza pelos usos da área específica do rosto que apresenta o significado em relação à produção de cada sinal, dentro da gramática da Libras. Rodrigues e Medeiros (2016, p. 3) explicam que:



nas línguas de sinais o corpo constitui língua não somente com os movimentos dos braços e das mãos (pulsos, dedos), visto que a cabeça e as expressões da face (olhos, bochecha, boca) e, até mesmo, o tronco (pescoço, ombros, cintura) são partes dos sinais. Devido aos mecanismos de produção das duas línguas, temos que nas línguas orais a linearidade é mais explorada, enquanto nas de sinais a simultaneidade se destaca.

De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2008), algumas expressões não manuais utilizadas com função gramatical são os movimentos da cabeça, indicando afirmação ou negação; a direção do olhar; a elevação ou o abaixamento das sobrancelhas, também chamado de franzir da testa; a elevação ou o abaixamento da cabeça; movimentos com os lábios para indicar negação ou para diferenciar os tipos de interrogativas. Essas expressões associam-se a um tipo de estrutura sintática.

Segundo Ferreira (2010), que analisou a pesquisa de Baker (1983), existem elementos na parte superior e inferior do rosto responsáveis pelas expressões na Libras. As categorias estão descritas abaixo.

Quadro 1 - Especificação da expressão facial no rosto

<b><i>Da parte superior do rosto</i></b>
sobrancelhas franzidas olhos arregalados, lance de olhos sobrancelhas levantadas
<b><i>Da parte inferior do rosto</i></b>
bochechas infladas bochechas contraídas, lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas a bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz.

Fonte: FERREIRA (2010, p. 240-241, adaptado pela autora, 2020).

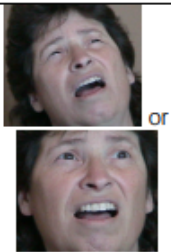
Esse quadro é útil para demonstrar o uso das expressões do rosto, pois apresenta de maneira detalhada as expressões não manuais usadas na comunicação, elementos tão necessários à visibilidade e compreensão do discurso em Libras.

Dentro da **fonologia**, estudam-se as unidades mínimas que formam as palavras/ sinais, portanto, nas LS, é realizado o estudo das unidades mínimas ou 5 parâmetros que compõem os sinais, nos quais está incluído a expressão facial, elemento muito importante para a correta produção do sinal. Existem sinais que são obrigatoriamente feitos com a expressão facial, por exemplo, o franzir as sobrancelhas e a boca semiaberta tem significado, dentro do contexto comunicativo, para expressar a raiva.

A expressão facial é uma parte importante da estrutura de significação da gramática visual e um dos aspectos da fonologia da Libras, pois a ENM é essencial na produção de muitos sinais conforme Araújo (2013, p. 74) explica: “entendemos que essas são ENMs de nível fonológico, pois sem elas a compreensão do sinal não subsiste, como, por exemplo, as bochechas infladas no sinal correspondente a ‘manômetro’” O sinal MANÔMETRO precisa ser articulado pelo sinalizante com as bochechas infladas a fim de demonstrar o aferimento da pressão baixa ou alta, significando a pressão aplicada no braço.

As ENM extrapolam o nível fonológico e fazem parte também de aspectos próprios também das áreas da Morfologia, Sintaxe e Semântica da Libras. No quadro a seguir, encontrado na pesquisa de Bickford e Fraychineaud (2008), percebe-se a relação entre a articulação-boca e as diferentes áreas da linguística.

Quadro 2 - Modelo de registro de Morfema-boca

<b>citations</b>	Struxness 1996 46:00	
<b>phonology</b>	Mouth open, more so than with <i>half lip</i> . Often cheeks raised, eyelids narrowed, and head tilted back.	
<b>semantics</b>	1) (with signs indicating extent of space or time) 'long', e.g. with FAR, ALL-DAY, and certain verbs 2) 'astounded', e.g. with SHOCKED	
<b>notes</b>	The two meanings are possibly better analyzed as two distinct morphemes.	

Fonte: Bickford e Fraychineaud (2008, p. 40)

Quadro 3 – Tradução no Quadro 2

Citações	Struxness 1996 46:00
Fonologia	boca aberta, mais do que a metade, às vezes, com as bochechas infladas, pálpebras franzidas e cabeça inclinada para trás.
Semântica	1)(com sinais indicando extensão de espaço ou tempo) 'longo', por ex, com

	LONGE, TODO-DIA, e certos verbos. 2) 'espantado', por ex, com CHOCADO
Nota	Os dois significados são possivelmente melhor analisados como dois morfemas distintos.

Fonte: Bickford e Fraychineaud (2008, p. 40, tradução nossa).

Observa-se agora as ENM dentro da **morfologia**, o estudo da formação e estrutura interna das palavras e das classes ou grupos de palavras das línguas. Nesta área, estudam-se os morfemas que compõem as palavras ou sinais. No entanto, segundo Pêgo (2013) ainda há uma grande dificuldade em compreender o morfema dentro das LS. Sobre eles, existe o chamado morfema boca que será melhor explicado no item a seguir.

A morfologia estuda também o léxico, sua função e a formação de sinais a partir dos processos de derivação e composição. Para exemplificar, o sinal MENINA é feito a partir da junção de dois outros sinais — MULHER^BAIXA acompanhado da articulação-boca feita com arredondamento dos lábios (bico) para mostrar o sentido "pequena". O sinal IDOSA é feito a partir dos sinais MULHER^VELHO, acompanhada da boca fechada e bochechas infladas. Essas expressões têm significado e são importantes para a comunicação da Libras.

As expressões faciais se dividem em dois grupos: afetivas e gramaticais, como as pesquisadoras se explicam

Para os usuários de línguas de sinais, as expressões faciais têm duas funções distintas: expressar emoções (assim como nas línguas faladas) e marcar estruturas gramaticais específicas (como orações relativas), servindo para distinguir funções lingüísticas, uma característica única das línguas de modalidade visual-espacial. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 7).

As expressões faciais afetivas são usadas em sinais que se referem a sentimentos, sensações e emoções como TRISTEZA, ALEGRIA, DOR, SONO etc. Se esses sinais não forem feitos com a expressão correspondente, ele está errado ou poderá expressar a ironia. As expressões faciais gramaticais são de dois tipos: lexicais e sentenciais. As primeiras referem-se ao grau dos substantivos, adjetivos e advérbios. As expressões faciais gramaticais sentenciais marcam os tipos de frase na Libras.

Observa-se agora a **sintaxe** que é o estudo dos tipos de sentença, da estrutura das orações e da função que os elementos exercem na sentença: os verbos e seus argumentos. Nas

línguas orais, a entonação mostra os diferentes tipos de sentença. Nas LS, isso acontece por meio de expressões faciais. A seguir, a expressão dos quatro tipos de frase principais:

As sentenças afirmativas são feitas com expressão facial neutra e/ou com movimento da cabeça para cima e para baixo expressando afirmação. As sentenças exclamativas são feitas por meio do levantamento das sobrancelhas e um ligeiro movimento da cabeça para cima e para baixo. Pode também ser feita com a boca aberta.

As sentenças negativas têm em sua estrutura um elemento negativo como NÃO, AINDA-NÃO, NADA e NUNCA que podem aparecer incorporados aos sinais por meio da expressão negativa. Já as sentenças interrogativas podem ser de dois tipos: perguntas feitas para conseguir alguma informação e, por isso, nelas são usados os pronomes interrogativos — O QUE, COMO, ONDE, QUEM, POR QUE, PARA QUE, QUANDO, QUANTO etc. — e as perguntas feitas para obter confirmação ou negação de algo. A importância do uso da expressão facial é explicada por Loss (2016) que afirma:

Como língua e cultura são duas dimensões relacionadas, sendo a expressão facial um dos parâmetros fonológicos da língua e que pode marcar a estrutura sintática e discursiva, ela é parte inerente dessa língua visual espacial, logo, o indivíduo tem domínio do uso dessa língua por meio do contato com o discurso, dentro de um ambiente cultural. (LOSS, 2016, p. 108).

Mendes (2019, p. 200) comenta que o estudo da prosódia na Libras é feito através da expressão facial por meio de alguns recursos como:

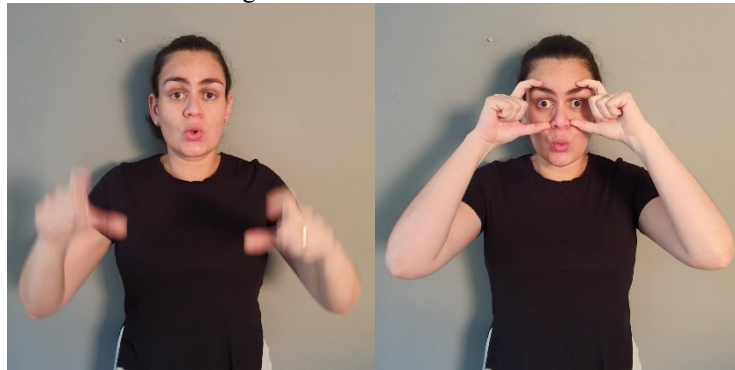
Em marcadores não manuais, teve como recursos prosódicos a testa franzida, o nariz torcido, a bochecha pressionada, a boca curvada para baixo, a cabeça e o tronco inclinados, o olhar franzido e direcionado para o leitor, a língua para fora. Cada um desses recursos se associa para a efetivação dos aspectos linguísticos que corroboram a estruturação semântica e sintática dos textos.

A expressão facial constitui-se como um dos aspectos linguísticos da Libras, que possui a aplicabilidade associada também à semântica do discurso. As expressões faciais são parte importante da modalidade visual e constituem-se em aspectos fundamentais da gramática da Libras. A partir daí, nota-se que a articulação-boca faz parte da comunicação em Libras e produz significados do contexto no discurso, no entanto, é produzida de modo diferente se comparada com a oralização. Portanto, a articulação-boca é uma categoria que faz parte das expressões não manuais que podem ser estudadas sob 3 diferentes perspectivas ou áreas: fonologia, morfologia e sintaxe.

#### 4.1 AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS NA PERSPECTIVA DOS MORFEMAS-BOCAS

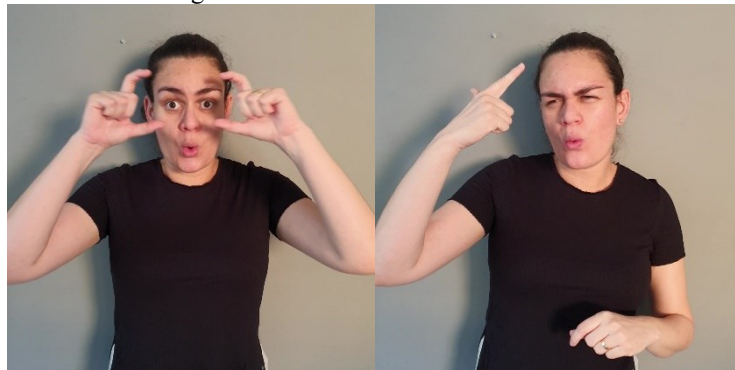
De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 86), “os morfemas são unidades mínimas de significado”. Existem sinais na Libras que são compostos apenas por um morfema, como é o caso do sinal ÓCULOS (Figura 1). Existem sinais que possuem mais de um morfema como é o caso de ÓCULOS-DE-SOL (Figura 2).

Figura 1 - Sinal <ÓCULOS>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Figura 2 - Sinal <ÓCULOS-DE-SOL>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Um dos morfemas existentes nas LS é o morfema boca de acordo com Pêgo (2013) em diferentes contextos. Aparecem tanto na construção do léxico como na estrutura da frase. Alguns pesquisadores apresentam estudos sob diferentes perspectivas a respeito das expressões faciais, utilizando, alguns deles, o termo “*mouth morpheme*”, mas ainda há poucos estudos acerca do uso e significado da articulação-boca nas línguas de sinais, sobretudo na Libras.

De acordo com Bickford e Fraychineaud (2008), morfema boca é a articulação da boca como um morfema independente, que se combina à articulação do sinal. Segundo eles, o uso

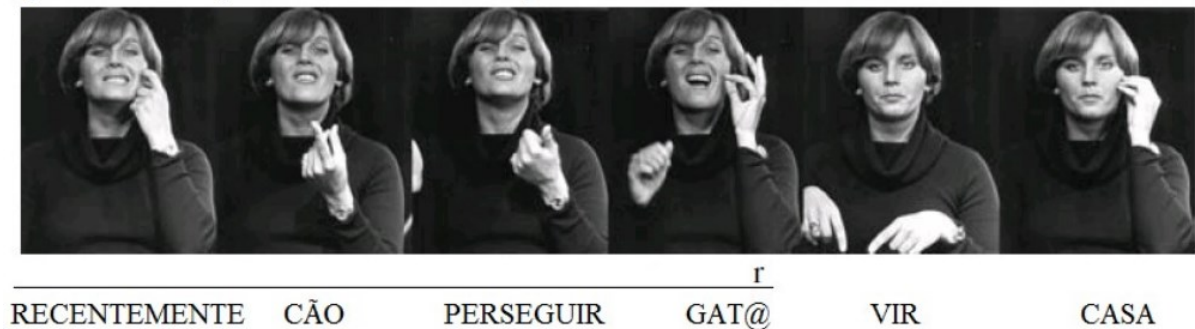
de boca faz parte da expressão facial e refere-se a um tipo de movimento que se caracteriza pela variação da velocidade, que pode ser devagar, rápido e neutro em relação à produção da articulação da boca, possuindo significado relacionado à estrutura da gramática das LS.

Outra visão acerca do morfema-boca e seu uso na LS, é a dissertação de Silva (2015, p. 60), na qual, afirma-se que “a língua de sinais apresenta em sua formação vários aspectos em contexto, incluindo as muitas expressões faciais e assim, em harmonia com o morfema boca que ela tende a unir-se fortalecendo assim o contexto da conversação”.

Loss (2016), em sua pesquisa sobre o uso do morfema-boca, percebeu que dentre os aspectos da gramática das LS ocorre o uso do morfema-boca entre os tradutores e intérpretes fluentes. Eles também utilizam em sua atuação a articulação-boca como parte importante da expressão facial que utiliza a modalidade visual, para transmitir a estrutura sintática da LS.

Liddell (2003) pesquisa sobre análise da sintaxe da ASL, a partir de vídeos e imagens — apesar de estarem em baixa resolução, o que torna complicada a visualização desses — e faz uma descrição da estrutura gramatical das orações relativas em ASL. Ele descobriu que a construção da sentença é feita com o uso do rosto com expressões não manuais, por exemplo: as sobrancelhas levantadas; cabeça inclinada para trás; bochechas e lábio superior contraídos etc. Cada uma dessas expressões faciais são bastante produtivas e fazem parte da sintaxe e da construção do discurso na ASL e ocorrem de maneira simultânea aos sinais.

Figura 3 - Sentença da ASL contendo oração relativa



Fonte: Reproduzida e traduzida de Liddell (2003, p. 54).

A partir da observação da Figura 3 acima, percebe-se o uso simultâneo da articulação-boca e os sinais. O uso de gravações em vídeo e Registro de imagens feitas a partir desses vídeos são ótimas formas de registrar detalhadamente o fenômeno estudado a fim de compreender os movimentos da articulação-boca. Pêgo (2013, p. 54), citando Boyes Braeme e Sutton-Spence (2001), diferencia dois usos da boca nas línguas de sinais, a saber:

*Mouthings* se constituem em movimentos/expressões emprestadas de uma língua oral, com movimentos completos ou parciais. O termo gestos de boca é definido pelos autores como gestos utilizados na comunidade ou representações icônicas, ou sem origem óbvia, ou seja, sem caráter linguístico.

## 4.2 A ARTICULAÇÃO-BOCA COMO PROCESSO NATURAL DA LÍNGUA DE SINAIS E/OU COMO SOBREPOSIÇÃO DA PALAVRA FALADA

A fim de demonstrar o funcionamento da articulação-boca, abaixo encontram-se ilustrações retiradas de um vídeo em Libras do acervo pessoal da autora. Algumas cenas foram pintadas, cortadas e organizadas em seis ilustrações para melhor visualização. Foram escolhidos exemplos de seis imagens para a análise a fim de perceber a relação entre a articulação-boca e os sinais realizados. Observa-se, no Quadro abaixo, os termos específicos usados nas expressões faciais:

Quadro 4 - A proposta dos elementos para o parâmetro “expressão facial”

ORDEM PARA O PARÂMETRO: EXPRESSÃO FACIAL	
	ULs sem expressão facial > ULs com expressão facial (mais fechada) > (mais aberta)
a)	Sobrancelhas franzidas > arqueadas
b)	Olhos fechados > olhos semiabertos > olhos abertos > olhos arregalados
c)	Arcada dentária > cerrada arcada dentária > batendo os dentes > arcada dentária aberta e aparente
d)	Batendo a língua entre os lábios > língua ou ponta da língua para fora
e)	Lábios cerrados (mastigar) > lábios protuberantes (beijo/bico) > lábios semiabertos (soprando/inspirando/abrindo e fechando > simulando fala > lábios estalando > lábios abertos > bocejo
f)	Bochecha sugadas > bochecha distendida pela ponta da língua > bochechas infladas

Fonte: Nascimento (2009, p, 208).

Observa-se também no Quadro 5, os termos específicos usados nas expressões faciais:

Quadro 5 - A anotação da tabela com os tipos de expressão facial

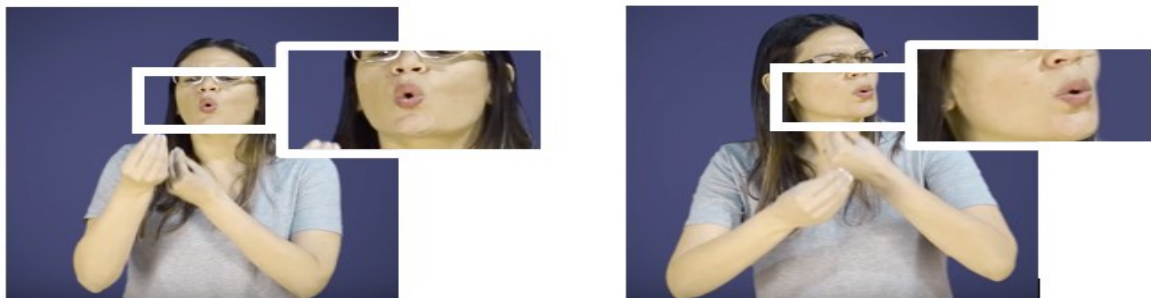
1. Sobrancelhas franzidas	11. Língua ou ponta da língua para fora
2. Sobrancelhas arqueadas	12. Lábios cerrados (mastigar)
3. Olhos fechados	13. Lábios protuberantes (beijo/bico)
4. Olhos entreabertos	14. Lábios entreabertos
5. Olhos abertos	15. Lábios simulando fala
6. Olhos arregalados	16. Lábios estalando
7. Arcada dentária cerrada	17. Lábios abertos
8. Arcada dentária batendo os dentes	18. Bocejo
9. Arcada dentária aberta e aparente	19. Bochecha distendida pela ponta da língua
10. Batendo a língua entre os lábios	20. Bochechas infladas

Fonte: Fajardo, Araújo, Krieger e Porta (2015, p. 4-5).

Os quadros acima apresentam as classificações dos tipos de expressões faciais propostas por diferentes autores, incluindo as articulações-boca. Esses termos serão utilizados na pesquisa. Os quadros 3 e 4 especificam a expressão facial e os tipos de articulação com os lábios, mas não mostram a relação com a pronúncia da LP.

Enfim, é importante trazer as ilustrações para identificar a categoria da expressão facial a fim de separá-las em expressão facial própria da Libras ou em um elemento que faz parte do processo da oralização, ou seja, acompanha a pronúncia da palavra falada, conforme pode ser observado nas seis ilustrações a seguir que fazem referência ao movimento da boca acompanhando a palavra falada em LP.

Figura 4 - A expressão de articulação-boca com um sinal &lt;COMO&gt;



Fonte: Elaborada pela autora (2021).



Observe a Figura 4 que mostra uma das formas que os lábios podem assumir, neste caso, estão protuberantes. Na segunda ilustração, a boca está bem reduzida. Em ambas as imagens, esta articulação tem um contexto restrito, juntamente com a articulação do sinal COMO.

Figura 5 - A expressão de articulação-boca com um sinal <QUAL>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Na Figura 5 acima, vê-se a modificação dos lábios, iniciando em lábios protuberantes e, aos poucos, o lábio fica entreaberto como na segunda imagem. Após, na terceira ilustração, os lábios estão fechados.

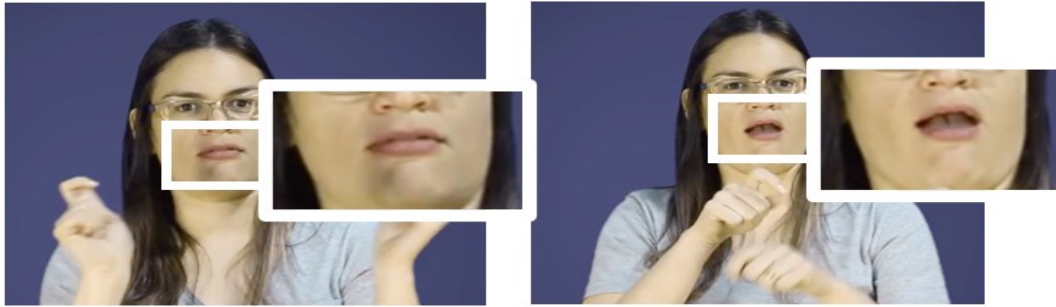
Figura 6 - A expressão de articulação-boca com um sinal <LEVE>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Observa-se na Figura 6, na primeira ilustração, a bochecha está distendida e a ponta da língua tocando os dentes superiores. Na segunda ilustração, o lábio está entreaberto e, na terceira, os lábios estão fechados.

Figura 7 - A expressão de articulação-boca com um sinal <DÁ>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Observe a página anterior, na Figura 7, a língua toca os dentes superiores e, na segunda ilustração, os lábios estão abertos.

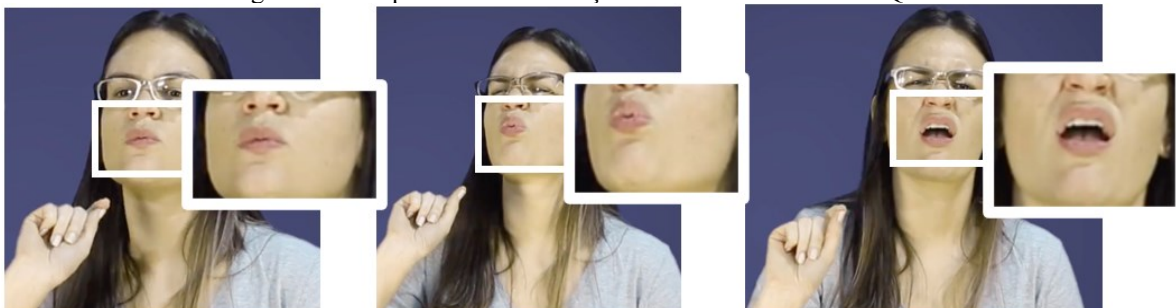
Figura 8 - A expressão de articulação-boca com um sinal <MAIS>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Na Figura 8, os lábios estão fechados na primeira ilustração e, na segunda, estão entreabertos.

Figura 9 - A expressão de articulação-boca com um sinal <O QUE>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Na Figura 9, no início, os lábios estão um pouco protuberantes, o que aumenta na segunda ilustração, os lábios ficam mais protuberantes ainda. Após, na terceira ilustração, a boca está entreaberta com os dentes à mostra.

Nas ilustrações acima, percebe-se que a articulação-boca é realizada juntamente com os sinais. Dessa forma, a articulação-boca é resultado de uma influência da LP sobre a LS ou um comando dos sinais para a boca? Na pesquisa que se segue, visa validar ou não essa possibilidade.

#### **4.2.1 O conceito de articulação-boca**

É importante diferenciar os conceitos articulação-boca e gesto-boca. Pêgo (2021) afirma que os dois representam movimentos da boca, mas são diferentes. A articulação-boca é um processo da LP e tem relação com a leitura labial, percebe-se uma sequência de letras em sua articulação. Enquanto o gesto-boca é natural da LS, por exemplo, o sinal COMO, na figura 3, não segue a sequência das letras da LP. O esclarecimento sobre o significado de articulação-boca é importante para a continuidade dos estudos. Pêgo (2021, p. 23) confirma:

Em nosso estudo colocamos as articulações-boca como categoria gramatical com gradiência de lexicalização e gramaticalização, sendo alguns tipos de articulações-boca emergindo como um tipo de code-blending e gradualmente se distanciando da referência das línguas oral circundante até se lexicalizarem e gramaticalizarem.

As diversas línguas orais são da modalidade oral-auditiva e têm como principal articulador a boca, que emite os sons por meio do aparelho fonador e dos movimentos da boca. As línguas de sinais são da modalidade gesto-visual, porém, também apresentam movimentos da boca. De acordo com Rodrigues e Medeiros (2016, p. 7):

Tanto as línguas de modalidade vocal-auditiva, quanto as línguas de modalidade gestovisual possuem movimentos de boca, ainda que esses movimentos possam ter funções e significados distintos. Os falantes de línguas de sinais, Surdos ou ouvintes, nativos ou não, utilizam diversos movimentos de boca durante a sinalização. Esses movimentos tanto podem ter relação com a pronúncia de palavras da língua oral, quanto podem não ter nenhum tipo de relação com os movimentos de boca usados na pronúncia dessas palavras orais. É interessante destacar que os movimentos de boca usados nas línguas de sinais que têm origem nas línguas orais são variáveis.

Neste contexto, os Surdos também fazem usos do movimento da boca, na modalidade espaço-visual da comunicação em Libras. No entanto, é interessante que os usos são

diferentes, pois na comunicação oral-auditiva, o movimento da boca é essencial na comunicação, enquanto na comunicação espaço-visual o movimento labial não é parte tão essencial da produção da expressão de significados, muitas vezes, é usada em relação ao uso simultâneo da fala da língua oral.

Segundo Pêgo (2021, p. 41), conforme "os holofotes, que antes eram direcionados para a parte superior do rosto, como olhos e sobrancelhas, aumentaram o raio de iluminação, passado a incluir a boca, e, nisso, se incluem as articulações-boca". Pêgo (2021) estudou sobre Bauer (2018), que descreveu que os termos *oral or spoken components, words pictures* e *visual mouth segments*, que referem-se aos movimentos da boca que vem das línguas faladas. Ainda não existe um acordo entre os pesquisadores sobre qual termo utilizar. Existem basicamente dois (dois tipos) termos mais utilizados: *mouthings*, sendo traduzido como articulação-boca e o outro termo é gesto-boca, referindo-se aos movimentos que caracterizam a expressão facial da LS.

Segundo Pêgo (2021, p. 23), "as articulações-boca são fenômenos decorrentes do contato entre línguas de modalidades diferentes, resultando em novos componentes lexicais, semânticos, morfológicos e fonológicos nas línguas de sinais". Portanto, a articulação-boca refere-se aos movimentos da boca, feitos pelos falantes de LS que têm contato com línguas orais, ao sinalizar.

#### 4.3 A SOBREPOSIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA LÍNGUA DE SINAIS

De acordo com Quadros, Lillo-Martin e Klamt (2020), sujeitos bilíngues possuem características decorrentes do contato entre as línguas, conhecidas como transferências linguísticas. No entanto, quando se trata de pessoas bilíngues bimodais, ocorre um tipo diferente de transferência, a chamada sobreposição. De acordo com as autoras, est tipo de fenômeno

é possível somente com bilíngues bimodais, por causa das línguas que utilizam diferentes canais de articulação, ou seja, as línguas de sinais utilizam (mãos, face, tronco) e as línguas faladas utilizam a boca e os ouvidos. Assim, essas línguas podem ser combinadas simultaneamente (QUADROS; LILLO-MARTIN; KLAMT, 2020, p. 5544).

É interessante notar que o bilinguismo bimodal ocorre entre crianças surdas implantadas filhas de pais surdos, crianças ouvintes filhas de pais surdos e entre intérpretes de língua de sinais. Essa sobreposição pode se manifestar em diferentes níveis linguísticos:

A sobreposição sempre envolve uma proposição e uma derivação sintática e, de acordo com o modelo de síntese, as línguas seguem uma computação sintática e inserem elementos morfológicos das duas línguas. As autoras observaram que quando a língua de sinais rege a derivação sintática, ou seja, quando é língua primária, há efeitos na prosódia da fala, como ajustes na fala para acomodar os sinais, preenchedores sonoros durante a sinalização, omissões na língua falada. Além disso, também foram observadas intrusões da língua falada, como o uso de soletração e palavras funcionais, como preposições, artigos, conjunções, pronomes e verbos auxiliares. Além disso, pode haver transferências semânticas na sobreposição, ou seja, termos de uma língua podem fazer parte de termos mais abrangentes na outra língua, como nos exemplos BIRD em ASL e Tweety em inglês; SINAIS em Libras e fala em Português; SOLETRAR em Libras e escrever em português (QUADROS; LILLO-MARTIN; KLAMT, 2020, p. 5547).

Dessa forma, nota-se que a sobreposição é um fenômeno linguístico bastante comum e rico entre falantes bimodais. Nessa pesquisa, percebem-se sobreposições de ordem lexical, seguindo o que foi explicado por Pêgo (2021, p. 23, grifo nosso):

Se considerarmos as *articulações-boca como uma sobreposição de línguas*, adotamos a perspectiva de que há a incorporação de algumas partes da língua oral circundante na língua de sinais, sem, no entanto, alterar sua estrutura gramatical, de forma a seguir a estrutura oral.

Ainda sobre o tema, asseveram que existem subcategorias na sobreposição utilizadas por codas (*Children Of Deaf Adults*) adultos:

Por exemplo, Emmorey et al. (2008) distinguiram entre sobreposição de itens individuais e sobreposição de enunciados, pois, no primeiro, um único sinal aparece ao longo de um enunciado produzido na língua falada; enquanto no segundo, há sobreposição em uma sequência de dois ou mais sinais que acompanham o enunciado falado (QUADROS; LILLO-MARTIN; PICHLER, 2014, p. 805).

Dessa forma, a articulação-boca estudada nesta pesquisa é do tipo de sobreposição de itens individuais, que será tratado aqui de sobreposição lexical da LP sobre a Libras, pois não constitui alteração sintática. Por meio desse estudo, busca-se compreender a relação da articulação-boca com os sinais da Libras a partir do registro no sistema de transição que tem uma organização que utiliza *glosas* para registrar as anotações no sistema.

No tópico a seguir, será apresentada a caracterização da metodologia utilizada neste estudo.

## 5 METODOLOGIA

Este capítulo aborda a metodologia da pesquisa. Nele, é apresentada uma breve caracterização do tipo de pesquisa, da fonte de dados para a constituição do *corpus*, bem como as etapas para a realização da pesquisa e os critérios para a seleção dos informantes da pesquisa.

Quanto à natureza, esta pesquisa classifica-se como básica, pois visa a aumentar o conhecimento sobre o assunto pesquisado. Quanto à abordagem, é uma pesquisa quali-quantitativa. Qualitativa porque preocupa-se com o aprofundamento da compreensão de aspectos subjetivos de fenômenos sociais. Bogdam e Bilklen (1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11) descrevem esse tipo de pesquisa como:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; 2. Os dados coletados são predominantemente descritivos; 3. A preocupação com o processo é maior do que com o produto; 4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; 5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Além disso, essa pesquisa é também quantitativa porque apresenta quantificações, através de ferramentas estatísticas a respeito dos fenômenos estudados como será visto na análise dos dados. No que se refere aos objetivos, esta pesquisa é caracterizada como exploratória pois tais pesquisas “são dedicadas a estabelecer uma aproximação do pesquisador com um dado problema de pesquisa” (ROCHA; BERNARDO, 2011, p. 86). Essa pesquisa é também descritiva, dado que:

esse tipo de pesquisa está direcionado a sistematizar dados provenientes de questionários ou de observações dirigidas sobre fatos e fenômenos já estudados. Outra característica desse tipo de pesquisa é sua utilização para tratar de temas de ordem social, como por exemplo, os fenômenos educacionais (ROCHA; BERNARDO, 2011, p. 86-87).

Esta pesquisa foi realizada através de análise do *Corpus* da Libras que será explicado no tópico abaixo. Os informantes da pesquisa são Surdos adultos, divididos em três categorias: jovem, adulto e idoso, para identificar a articulação de boca e também relação com a Libras. Tal escolha deve-se ao fato de concordar com o esboçado:

Uma primeira decisão adotada foi a de iniciar o *corpus* utilizando como base o discurso produzido por Surdos adultos fluentes em libras. Tal decisão foi tomada

pelo fato de termos constatado, em uma experiência prévia com dados eliciados de falantes bilíngues fora de contextos interacionais, vários tipos de interferência do português na produção em libras. (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010, p. 265).

Portanto, foram identificadas as articulações-boca utilizadas pelos três grupos para identificar se a articulação de boca tem algum tipo de relação com a idade dos informantes.

## 5.1 O CAMPO DE PESQUISA: CORPUS DE LIBRAS

A coleta de dados foi feita a partir dos dados disponíveis no *Corpus* de Libras, um projeto desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em uma parceria o Instituto de Políticas Linguístico (IPOL), “como resultado de um projeto financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Imaterial IPHAN - Ministério da Cultura, executado com o Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL)” (SOUSA *et al*, 2018, p. 13). Segundo Sousa *et al* (2018, p. 140), o *Corpus* da Libras é importante devido ao reconhecimento da Libras como patrimônio a partir de ações de políticas linguísticas:

As possibilidades apresentadas nesta seção podem tornar-se reais a partir de políticas linguísticas que fortaleçam as línguas de herança do país. No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) inclui em seu planejamento ações específicas para o reconhecimento e a valorização das línguas brasileiras como patrimônio linguístico nacional.

Este *corpus*, voltado para a catalogação e difusão da língua de sinais a fim de valorizar a cultura surda através da potenciação linguística em Libras, é um estudo linguístico sobre a Libras, pioneiro no Brasil, que visa a documentação e registro da Libras a partir da sinalização de pessoas surdas voluntárias que fizeram a gravação em estúdio.

O *corpus* de Libras foi inserido no software *ELAN*<sup>3</sup>, um sistema de transcrição que oferece opções de fazer anotações nas gravações em vídeo no próprio sistema do computador para a análise dos dados, bem como fazer recortes nos vídeos.

Esta pesquisa utiliza um projeto criado para a elaboração de um inventário que sirva como forma de registro do patrimônio da língua de sinais da comunidade surda da cidade de Florianópolis. Esse inventário está disponível no site [www.corpuslibras.ufsc.br/](http://www.corpuslibras.ufsc.br/) no qual pode-se navegar no programa e selecionar *corpus* que corresponde ao seu estudo e a análise do trabalho da pesquisa. Este inventário é de grande relevância, pois oportuniza um vasto *corpus*

<sup>3</sup> *ELAN* é um sistema de software usado para transcrição de áudio e vídeo, uma ferramenta prática em pesquisas que usam dados na documentação criada pelo Instituto de Psicolinguística na Holanda.

de análise no campo da pesquisa linguística. Dessa maneira, a língua de sinais da comunidade surda catarinense é valorizada e sua história é preservada, pois

O mapeamento parte da comunidade surda da Grande Florianópolis e de Surdos identificados como usuário de referência da comunidade surda brasileira, constituindo-se comunidade referência linguística na comunidade da Grande Florianópolis e no país respectivamente (SOUSA *et al.*, 2018, p. 13).

O *corpus* da pesquisa é composto por vídeos de seis (6) participantes entrevistados: 3 homens e 3 mulheres, todos Surdos. Faz-se necessário também compreender o histórico do sujeito com relação à prática da oralização, ou seja, seu comportamento diante da aprendizagem. Por exemplo, algumas pessoas surdas não demonstram interesse na terapia fonoaudiológica, enquanto outras têm interesse e fazem terapia. Já outras têm interesse, mas não têm a possibilidade ou oportunidade de fazer, enquanto outras são obrigadas a se submeter ao treinamento fonoaudiológico. Por isso, é importante conhecer o processo e a experiência da cultura da pessoa para entender sua relação com as duas línguas envolvidas no processo e se a oralização influencia sua comunicação na LS.

O objetivo é descobrir quais deles foram influenciados pela oralização e, por isso, usam a articulação-boca, bem como quais não passaram por processo de oralização e utilizam, ou não, a articulação-boca naturalmente. Para isso, serão analisados trechos de vídeos dos informantes selecionados, todos pertencentes à região da Grande Florianópolis, todos os participantes entrevistados são catarinenses e usuários da Libras.

Análise dos informantes visa a identificar a hipótese acerca do estudo específico da articulação-boca para identificar os contextos da produção do movimento-boca que, de acordo Pizzio, o uso de *mouthing*, nos diversos contextos, são aspectos importantes a serem considerados (PIZZIO, 2011, p. 31). Também, durante a análise dos dados, busca-se compreender o motivo de os sinalizantes utilizarem a articulação-boca, se é por influência da oralização ou se é uma característica da LS.

No processo de pesquisa e coleta de dados no sistema de transcrição do *ELAN*, abaixo observa-se uma ilustração da plataforma para compreender seu funcionamento:



Figura 10 - Plataforma de entrevista



Fonte: *Corpus Libras* (2014)<sup>4</sup>.

A Figura 10 traz um exemplo da tela disponível na plataforma de entrevista. Nela, observam-se informações separadas em categorias: ID dado, data de coleta, nome do projeto, responsável, categoria, TAGS e participantes. Foi escolhido um assunto comum na vida dos Surdos: escolas de Surdos e escolas de ouvintes.

Na Figura 11, observa-se um tipo do ângulo do vídeo 2: a câmera está de frente para o informante. Além desta angulação, há 3 outras: vista lateral, vista de cima e de frente também para o entrevistador.

Figura 11 - Plataforma de entrevista em dupla

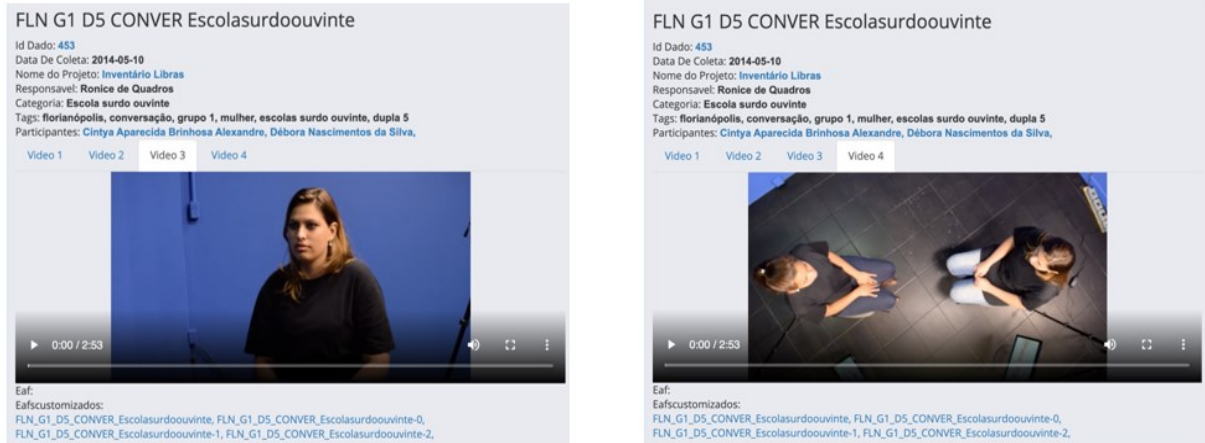


Fonte: *Corpus Libras* (2014).

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Invent%C3%A1rio+Libras?page=7>.

A Figura 12 apresenta a visibilidade lateral do entrevistador e do informante frente a frente. Esta angulação facilita a visualização é bem diferente da figura anterior, nesta pode-se ver quase por completo o corpo todo.

Figura 12 - Plataforma de observar os vídeos no ângulo das telas



(a) Plataforma da tela mais perto

(b) Plataforma da tela no espaço em cima

Fonte: Corpus Libras (2014).

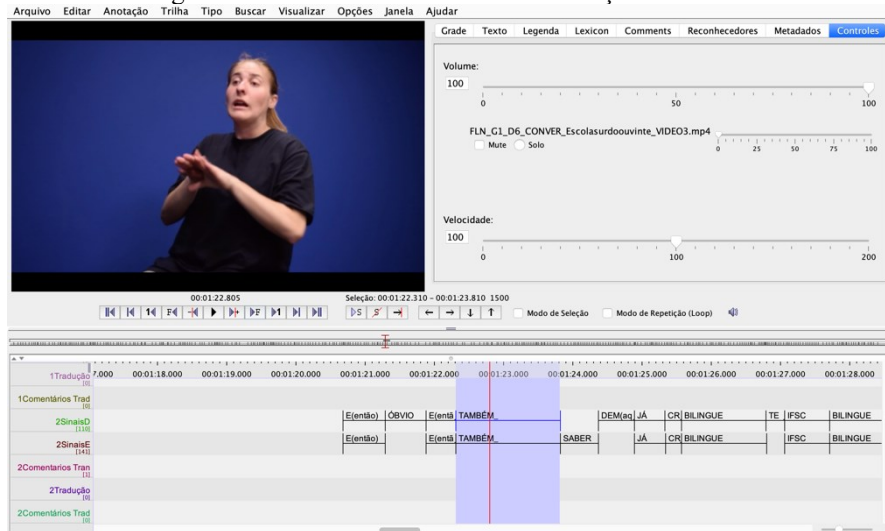
O vídeo pode ser baixado e salvo em uma pasta no computador e depois colocado no software ELAN. Esta é uma ferramenta profissional que permite a anotação, a organização e a transcrição manual.

### 5.1.1 Estudo de processo “*mouthing*” na transcrição dos dados

Para proceder com o estudo, segundo Pizzio (2011, p. 66) que “em relação ao *mouthing* (articulação da palavra a que se refere o sinal na língua falada)”, é feito um *print* da tela, criando-se um quadro no qual corta-se a imagem para dar destaque à expressão das pessoas surdas com foco no movimento da articulação-boca.

Portanto, é importante colocar Registro dos dados com número no qual se encontra a linha vermelha e azul. Coloca-se um nome que representa os sinais, detalhado em cada um, depois, observa-se a porcentagem dos dados. A partir das imagens, verifica-se como a sinalização das pessoas surdas se desenvolve no que se refere ao movimento da articulação-boca.

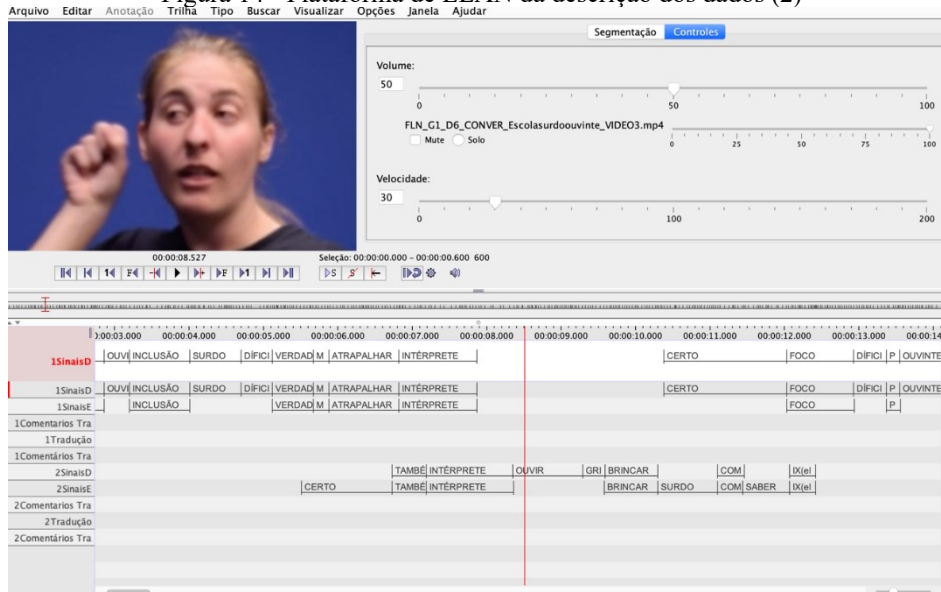
Figura 13 - Plataforma de ELAN da descrição dos dados



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

O trecho escolhido é colocado no sistema ELAN e, para a análise dos dados, organiza-se uma tabela para identificar a articulação da boca.

Figura 14 - Plataforma de ELAN da descrição dos dados (2)



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Neste quadro, observa-se a imagem e o detalhamento dos movimentos da boca para entender o conceito de *mouthing* na produção dos sinais para ver a porcentagem dos dados coletados e as anotações são mostradas para se registrar o léxico com o qual se usa o movimento de boca.

## 6 ANÁLISES E RESULTADOS DOS DADOS

Inicialmente, serão apresentados os conceitos das categorias para a demonstração dos dados a fim de apresentar os diferentes tipos de articulação-boca com o objetivo de perceber a forma de articulação em relação a como os participantes Surdos experienciaram sua trajetória com o método do Oralismo, para então poder fazer a análise a partir dos vídeos no programa ELAN.

De acordo com Silva (2020, p. 40), “é importante ressaltar que, nesta investigação, o tipo de *mouthings* que será observado é o que corresponder a uma articulação-boca (pronúncia labial de uma palavra de língua oral-auditiva) parcial ou completa de palavras do português”.

Segundo o autor, os tipos de *mouthings* são dois: com articulação integral ou parcial de palavras do português. Nesta pesquisa, no entanto, percebeu-se que há outras categorias da articulação-boca além de parcial ou completa de palavras do português citadas por Silva (2020).

Para identificá-los, serão usados 4 (quatro) termos aqui propostos, a saber: articulação integral, articulação possibilidade, articulação classificador, e articulação neutra, para sistematizar melhor as categorias ou elementos de articulação-boca. Os significados de cada termo serão explicados a seguir:

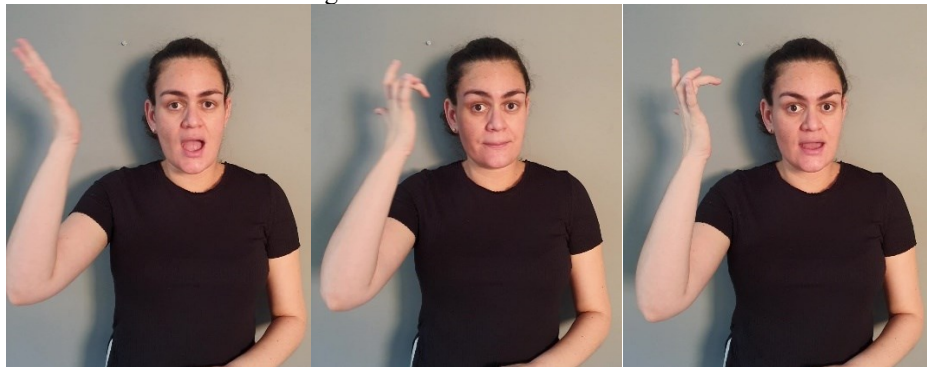
- **Articulação-boca integral (ABI):** ocorre quando a palavra é totalmente articulada ou pronunciada.
- **Articulação-boca parcial (ABP):** é uma forma de expressão da boca não relacionada à pronúncia de palavras completas em português ou ao significado não está esclarecido.
- **Articulação-boca classificadora (ABC):** é a articulação relacionada ao sentido dos sinais sem ligação com a palavra em português. Pode ser encontrada na realização de sinais como MOTO ou SABOR.
- **Articulação-boca neutra (ABN):** não ocorre a articulação-boca.

De acordo com os dados colhidos, percebe-se que cada uma das categorias de articulação-boca em contextos restritos conforme exibido a seguir:

**1. Articulação-boca integral (ABI):** quando uma pessoa surda tem experiência com o tratamento fonoaudiólogo ou ainda frequenta a terapia fonoaudiológica com o objetivo de tratar a comunicação envolvendo fala, audição e escrita, geralmente, o trabalho do fonoaudiólogo é feito a partir do treino da fala por meio da articulação da linguagem oral. Portanto, esse sujeito já assimilou o método oralista e consegue articular completamente as palavras na língua oral juntamente com a comunicação em Libras, podendo pronunciar as palavras ou não (sem voz).

**2. Articulação-boca possibilidade (ABP):** quando uma pessoa surda tem experiência do tratamento fonoaudiológico como explicado no texto anterior da ABI, mas parou o tratamento. Geralmente, a palavra falada não está completa, ou seja, algumas sílabas são cortadas, principalmente, no final da palavra, por exemplo: o Surdo articula AMA (Figura 15), significando “amanhã”. Geralmente esse tipo de articulação-boca ocorre quando o Surdo não tem certeza sobre a pronúncia correta, porque desenvolveu pouco a fala ou tem pouca experiência com a terapia fonoaudiológica. Ou assimilou a articulação no contato, com outras pessoas surdas que a utilizam junto com a comunicação de língua de sinais.

Figura 15 - Sinal <AMANHÃ>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

**3. Articulação-boca classificadora (ABC)<sup>5</sup>:** De acordo com Quadros (2019, p. 74), “os classificadores envolvem uma categoria polimorfêmica específica das línguas de sinais”. Esse tipo de articulação-boca relaciona-se à visualidade das línguas de sinais, à capacidade de expressão do sinal. Por exemplo, o meio de transporte MOTO (Figura 16) possui vibração do motor e barulho quando é dada a partida. A pessoa surda consegue experimentar essa

<sup>5</sup> Outros autores nomeiam como gesto-boca, representando os movimentos que caracterizam a expressão facial da LS.

sensação e a incorpora ao sinal ao fazer a articulação-boca semelhante. Isso é parte da língua de sinais e tem aspecto de classificador em Libras.

Figura 16 - Sinal <MOTO>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

**4. Articulação-boca neutra (ABN):** acredita-se que o Surdo que nunca experienciou o tratamento fonoaudiológico e também nunca teve oportunidade de aprender a falar em casa, geralmente, não fará uso da articulação-boca. Visto que a língua de sinais é sua principal forma de comunicação e produção, por isso não se necessita da articulação-boca junto com a Libras. É mais importante entender o contexto da sua comunicação e sua expressão.

#### 6.1 SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA ARTICULAÇÃO-BOCA E SINAIS VISUALIZADOS

O *ELAN* é um software de computador, um tipo de ferramenta profissional que permite fazer anotações e transcrições manualmente e semi-automaticamente, bem como gravações de áudio ou vídeo. Sua interface permite a visualização com detalhes do que é interessante e ajuda na organização da pesquisa. Para a notação dos sinais, será utilizado o sistema de transcrição a partir do uso de *glosas* porque

[...] após diversas reflexões, concluímos que, com os devidos cuidados, um sistema de glosas, enriquecido com os recursos do ELAN, atende razoavelmente aos nossos propósitos de pesquisa. Assim, conscientes das implicações do uso de glosas na transcrição das línguas de sinais, empregamos um sistema padronizado de glosas, já que as línguas de sinais não possuem um sistema de escrita que possa ser usado na transcrição. (RODRIGUES, 2013, p. 8).

Portanto, usar esse sistema de transcrição para análise do objeto de pesquisa articulação-boca permite compreender o contexto dos sinais visualizados e se esses podem ter sido influenciados pela LP na expressão da língua falada com a articulação-boca. Também o uso de glosas cria um vínculo conforme apresentam McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 269): “achamos necessário garantir um vínculo unívoco entre a palavra usada para a glosa (que tem a função de nomear o sinal) e a sua forma.”.

Essa forma de organizar as categorias é de fácil compreensão e ajudará na visualização das articulações-boca analisadas (*glosas*). Os vídeos transcritos da plataforma *ELAN* são curtos com, aproximadamente, 30 segundos de duração cada vídeo. Além disso, para o levantamento dos dados e apresentação detalhada no sistema, o vídeo é apresentado da cabeça até o ombro do sinalizante, o tempo de velocidade do vídeo pode ser alterado para 40 a 80 por cento mais lento e é possível dar zoom de até 200% no vídeo.

Para melhor visualização dos vídeos escolhidos, na conclusão da coleta de dados, as figuras serão colocadas no YouTube e seu link será disponibilizado via *QR Code* para melhor visualização das articulações-boca. O *QR Code* é um código de barra semelhante ao código de barra de boleto de banco, porém, esse código pode ser escaneado via celulares equipados com câmera, que converte o código em textos, direciona para endereços (URL), dentre outros. Veja na ilustração do *QR Code* abaixo:

Figura 17 - A tecnologia de *QR Code*



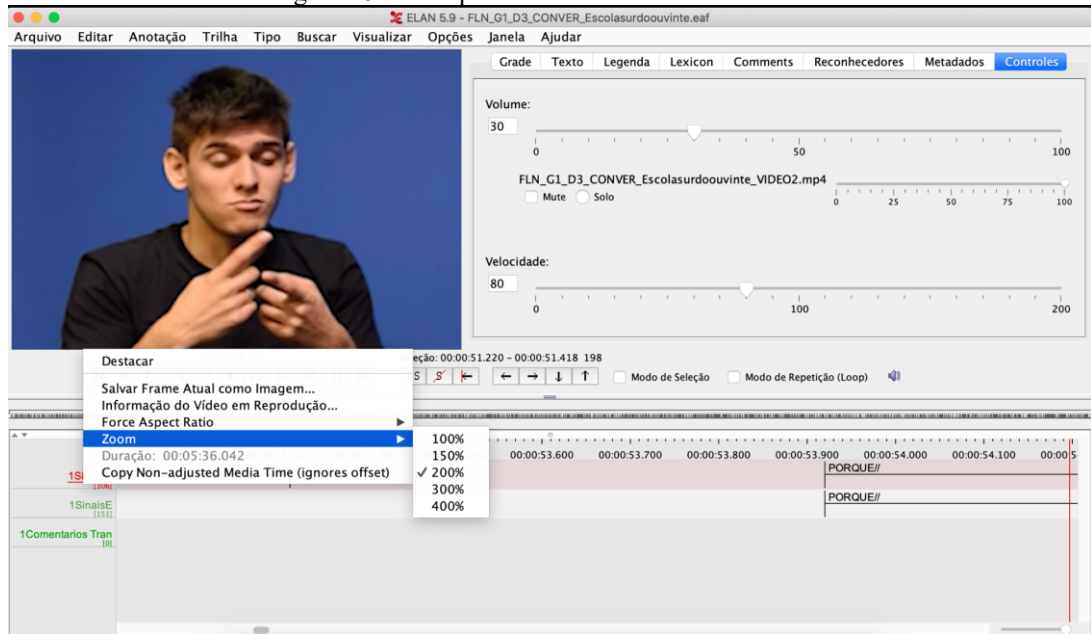
Fonte: Clouduary (2021)<sup>6</sup>.

Na pesquisa, serão apresentadas imagens de prints dos vídeos que, apesar de serem estáticas, são úteis para a demonstração dos fatos apresentados como a imagem a seguir:

<sup>6</sup> Disponível em: [https://res.cloudinary.com/dte7upwcr/image/upload/f\\_auto,w\\_1500/blog/blog2/codigo-qr/codigo-qr-img\\_header.jpg](https://res.cloudinary.com/dte7upwcr/image/upload/f_auto,w_1500/blog/blog2/codigo-qr/codigo-qr-img_header.jpg)



Figura 18 - Exemplo da interface do ELAN



Fonte: *Corpus de Libras* (2021).

## 6.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No *corpus* de Libras, é possível encontrar vídeos separados em categorias a partir da idade dos informantes e dos assuntos diversos que são tratados. Foram selecionados seis vídeos do *corpus* com o assunto da Escola de ouvintes. A escolha do tema se deve ao fato de perceber se a hipótese da influência da oralização presente na escola de ouvintes na sinalização da pessoa surda é ou não real. É importante também analisar diferentes idades entre jovens, adultos e idosos, bem como o gênero dos informantes já que se dividiu em 2 grupos: um com 3 mulheres e outro com 3 homens.

Portanto, nesta perquirição, busca-se encontrar o resultado no registro dos entrevistados para descobrir a relação com a hipótese da pesquisa.

Foram feitas anotações, separando-se os entrevistados com o seguinte código de identificação (A), (B), (C), (D), (E) e (F), começando pelas mais jovens do sexo feminino até a mais velha, seguidos dos informantes do sexo masculino, do mais jovem ao mais velho. Esse código de registro é colocado no *ELAN* e cada um será explicado a seguir.

No que se refere à anotação de gênero em três mulheres e três homens, quanto ao nascimento dos entrevistados, (A) e (D) são considerados como jovens Surdos, (B) e (E) são adultos Surdos e (C) e (F) são idosos Surdos.



No quadro a seguir, observa-se a idade em que os entrevistados aprenderam a Libras. O informante (A) aprendeu bem cedo a LS, ou seja, ainda pequena. Os outros (E), (F), (D) e (B) aprenderam tardiamente a Libras, cada um com idades distintas.

A data de registro dos dados dos entrevistados (A), (B), (C), (D) e (E) é a mesma, em 2014 e somente (F) realizou a entrevista no ano de 2015, apenas 1 ano de diferença dos outros. A data de coleta de dados refere-se ao registro da última gravação que eles fizeram em estúdio.

Quadro 6 - Elaborados entrevistados da coleta de dados

Código de identificação	Número de registro de entrevista	Gênero	Data de nascimento	Idade quando aprendeu Libras	Data de coleta de dados
A	Grupo 1, número da dupla 06	Feminino	05/06/1996	3 anos	10/10/2014
B	Grupo 2, número da dupla 05	Feminino	16/08/1975	11 anos / 12 anos	11/06/2014
C	Grupo 3, número da dupla 01	Feminino	26/05/1946	19 anos	10/03/2014
D	Grupo 1, número da dupla 03	Masculino	15/03/1992	11 anos	09/05/2014
E	Grupo 2, número da dupla 04	Masculino	16/01/1978	8 anos	10/16/2014
F	Grupo 3, número da dupla 04	Masculino	19/10/1953	10 anos	03/07/2015

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O Quadro 6 ajuda a entender o contexto de cada informante de maneira detalhada. O segundo passo é fazer a transcrição das perguntas feitas aos entrevistados para analisar a relação de sua aquisição de linguagem para a pesquisa. Os códigos de identificação (A), (B), (C), (D), (E), (F) são a mesma do Quadro posterior.

O questionário apresenta seis questões importantes para a descoberta do contexto da aquisição de linguagem que se relaciona com a pesquisa.

Quadro 7 - Sistema de transcrição dos entrevistados

Código de identificação	Transcrição da entrevista
A	<p><b>1) Pais Surdos ou ouvintes?</b> Pais ouvintes.</p> <p><b>2) Idade que ficou Surdo?</b> Nasci com perda auditiva.</p> <p><b>3) Como aprendeu a língua de sinais?</b> Aprendi a LS na escola.</p> <p><b>4) Escolaridade?</b> Ensino médio completo.</p> <p><b>5) Escola Surdos ou ouvintes?</b> Escola inclusiva, depois mudei para uma escola que tinha sala especial para Surdos.</p> <p><b>6) Tem família surda?</b> Três tios Surdos.</p>
B	<p><b>1) Pais Surdos ou ouvintes?</b> Pais ouvintes.</p> <p><b>2) Idade que ficou Surdo?</b> Nasci com perda auditiva.</p> <p><b>3) Como aprendeu a língua de sinais?</b> Aprendi com amigos Surdos.</p> <p><b>4) Escolaridade?</b> Ensino médio completo.</p> <p><b>5) Escola Surdos ou ouvintes?</b> Escola inclusiva.</p> <p><b>6) Tem família surda?</b> Não tenho familiares Surdos.</p>
C	<p><b>1) Pais Surdos ou ouvintes?</b> Pais ouvintes.</p> <p><b>2) Idade que ficou Surdo?</b> Nasci surda.</p> <p><b>3) Como aprendeu a língua de sinais?</b> Junto com minha prima, conheci um grupo de Surdos e aprendi a Libras.</p> <p><b>4) Escolaridade?</b> Quinta série incompleta.</p> <p><b>5) Escola Surdos ou ouvintes?</b> Escola oralista de ouvintes.</p> <p><b>6) Tem família surda?</b> Tenho quatro irmãos Surdos.</p>
D	<p><b>1) Pais Surdos ou ouvintes?</b> Pais ouvintes.</p> <p><b>2) Idade que ficou Surdo?</b> 1 ano</p> <p><b>3) Como aprendeu a língua de sinais?</b> Aprendi Libras na IATEL aos 11 anos.</p> <p><b>4) Escolaridade?</b> Superior incompleto.</p> <p><b>5) Escola Surdos ou ouvintes?</b> Estudei até 11 anos na escola de ouvintes e depois fui para IATEL.</p> <p><b>6) Tem família surda?</b> Família ouvinte.</p>

E	<p><b>1) Pais Surdos ou ouvintes?</b> Pais ouvintes</p> <p><b>2) Idade que ficou Surdo?</b> Com 1 ano, tive perda auditiva.</p> <p><b>3) Como aprendeu a língua de sinais?</b> Com amigos Surdos.</p> <p><b>4) Escolaridade?</b> Cursando o Ensino Médio.</p> <p><b>5) Escola Surdos ou ouvintes?</b> Estudei em escola sem intérprete, método oralista.</p> <p><b>6) Tem família surda?</b> Tenho um primo Surdo</p>
F	<p><b>1) Pais Surdos ou ouvintes?</b> Pais ouvintes</p> <p><b>2) Idade que ficou Surdo?</b> 4 anos</p> <p><b>3) Como aprendeu a língua de sinais?</b> Aprendi com amigos Surdos.</p> <p><b>4) Escolaridade?</b> Oitava série</p> <p><b>5) Escola Surdos ou ouvintes?</b> Escola de ouvintes</p> <p><b>6) Tem família surda?</b> Não.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Todos os participantes são filhos de pais ouvintes. (A), (B) e (C) nasceram Surdos e não detalharam o motivo da perda auditiva. Sobre como elas aprenderam a Libras, (A) aprendeu na escola que tinha a LS; (B) aprendeu com os amigos Surdos, significando que família não se comunica em LS; e (C) tem uma prima que conheceu um grupo de Surdos se comunica a Libras. O nível de escolaridade de (A) e (B) é ensino fundamental incompleto e (B) parou de estudar na quinta série.

As participantes (B) e (C) estudaram na escola de ouvintes, e (A) entrou na escola ouvintes e depois mudou-se para uma escola que tinha uma sala especial para Surdos. Sobre a família das entrevistadas surdas, a (A) tem três tios Surdos, (C) tem quatro irmãos Surdos, e (B) não tem Surdos na família, significando que ela é a única surda em uma família de ouvintes.

Falando agora dos três participantes masculinos, tanto (D) como (E) e (F) são oriundos de família ouvinte e só (E) tem um primo Surdo. Os 3 informantes têm perda adquirida, entre 1 ano (D) e (E) e 4 anos (F) de idades, mas também não explicitaram as causas das perdas.

Quanto à quando aprenderam Libras, (E) e (F) tiveram amigos Surdos, o que significa que em suas famílias ninguém usa a LS. (D) aprendeu a Libras na escola de IATEL<sup>7</sup> aos 11 anos de idade, evidenciando que na família dele não se usa a comunicação em LS.

Quanto ao nível de escolaridade, (D) possui Curso Superior em andamento, (E) está cursando o segundo grau e (F) não concluiu o Ensino Médio, ele parou na oitava série. Eles estudaram em escola de ouvintes ou escola especial: (D) estudou na escola de ouvintes até os 11 anos de idade e mudou-se para IATEL. (E) estudou na escola de ouvintes que não tinha intérprete e utiliza o método oralista e (F) estudou também na escola de ouvintes.

### 6.3 RESULTADO DOS SINAIS PARA OS DADOS COLETADOS

O levantamento dos dados será apresentado na Tabela 1 abaixo acerca dos vídeos do *corpus* mostram seis (6) informantes: três do gênero feminino e outro do gênero masculino, ambos da categoria classe idade. Nela apresenta-se o tempo de duração dos vídeos analisados no ELAN e o total de sinais de cada informante.

O informante (A) apresentou 180 sinais no total, (B) apresentou 300 sinais, (C) apresentou 121 sinais, (D) apresentou 305 sinais, (E) apresentou 198 sinais e (F) apresentou 171 sinais, porque o tempo de gravação foi diferente.

Serão utilizadas nas tabelas a seguir, as abreviações dos termos acima apresentados: articulação-boca integral (ABI); articulação-boca possibilidade (ABP), articulação-boca classificador (ABC) e articulação-boca neutra (ABN).

#### 6.3.1 Resultados de Participante A

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa dos sinais do participante A em quantidade e porcentagem por categoria.

Tabela 1 - Resultado de tabela pelo participante A

Código	CM
ABI	37
ABP	46
ABC	4

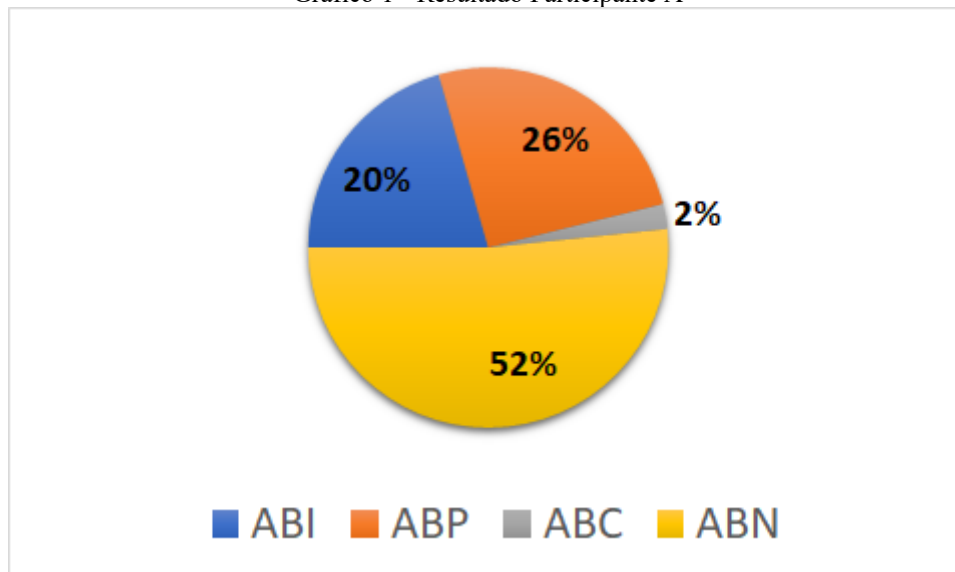
<sup>7</sup> IATEL é o Instituto de Audição e Terapias da Linguagem, um projeto de atendimento nas áreas da medicina, fonoaudiologia, pedagogia, psicologia e de serviço social e, atualmente, é referência catarinense da área dos profissionais para os clientes.

ABN	93
<b>Total</b>	<b>180</b>

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Nota-se que dos 180 sinais apresentados 93 são da categoria ABN. Em segundo lugar, está a categoria ABP.

Gráfico 1 - Resultado Participante A



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Como pode ser visto, o participante A apresenta apenas 20% (vinte por cento) de ABI, 26% (vinte e seis por cento) de ABO, apenas 2% (dois por cento) de ABC e 52 % (cinquenta e dois por cento) de ABN. Dessa forma, há um equilíbrio entre o uso de articulações-boca e seu não uso com diferença entre eles de apenas 4%.

O fato de articulação ABN ser maior demonstra que o uso da Libras é significativo, ou seja, língua de sinais faz parte da construção desse sujeito e da sua identidade surda e visual.

No *QR Code* abaixo, pode-se observar algumas partes do vídeo usadas para a análise, assim é possível acompanhar o contexto do vídeo completo. O primeiro vídeo será da informante (A), disponível no *link*<sup>8</sup> ou no *QR Code* abaixo:

<sup>8</sup> Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=466#w1-tab2>.

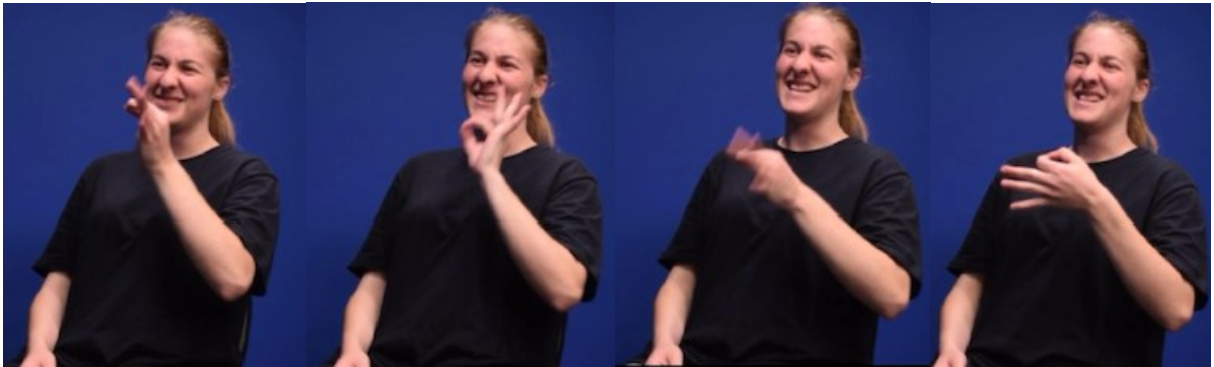
Figura 19 – *QR Code* sobre link do informante (A)



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

No vídeo completo acima do informante (A), foram retiradas as figuras abaixo. Nelas, nota-se a realização do sinal CERTO e o link do vídeo com o recorte também se encontra abaixo:

Figura 20 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:05:14 e 00:00:06:21, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <CERTO>



Fonte: elaborada pela autora (2021)

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 21 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:09:15 e 00:00:10:06, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <BRINCAR>

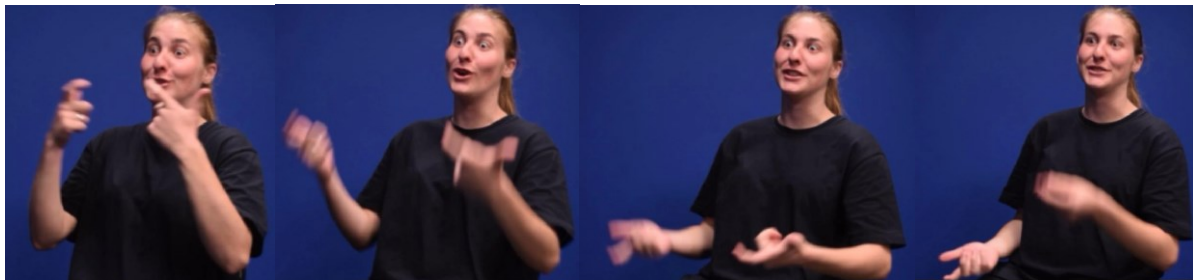


Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 22 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:16:27 e 00:00:17:28, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <SORTE>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 23 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:35:16 e 00:00:36:20, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <INTÉRPRETE>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Foram selecionadas quatro 4 figuras acima que mostram a categoria mais destacada entre ABI e ABP. Seguem abaixo no Quadro 8:

Quadro 8 - Resultado de tabela pelo participante A

Número da Figura	Categoria do termo	Léxico
Figura 20	ABP	Certo
Figura 21	ABI	Brincar
Figura 22	ABP	Sorte
Figura 23	ABP	Intérprete

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

### 6.3.2 Resultados de Participante B

Na Tabela 2 abaixo, observa-se a quantidade de sinais de cada categoria do referido participante:



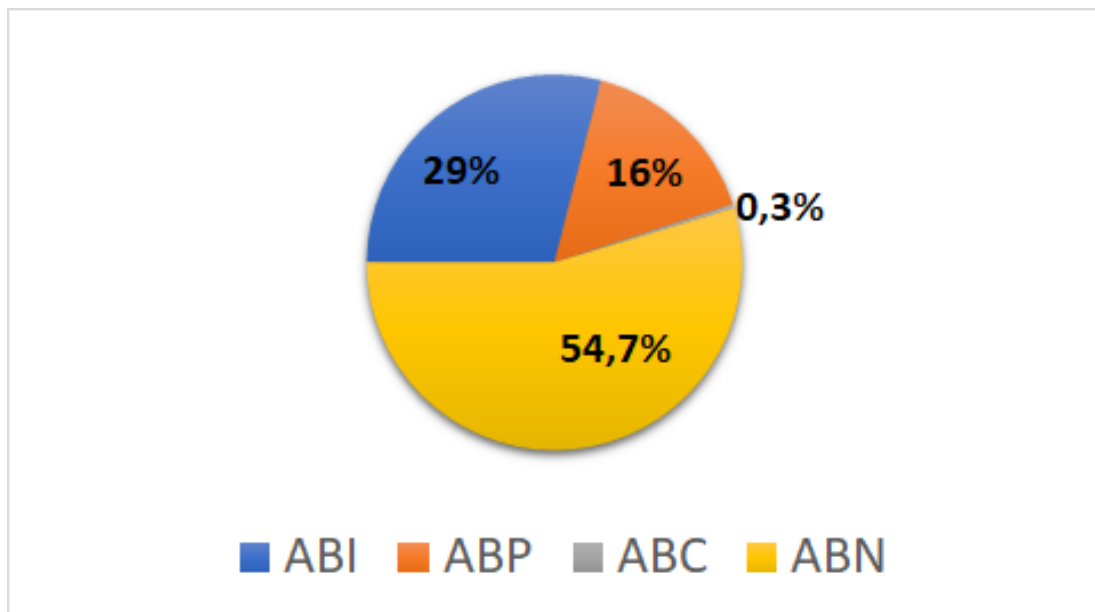
Tabela 2 - Resultado de tabela pelo participante B

Código	CM
ABI	87
ABP	48
ABC	1
ABN	164
<b>Total</b>	<b>300</b>

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

No gráfico abaixo, observa-se a porcentagem de cada categoria: 29% (vinte e nove por cento) de ABI, 16% (dezesesseis por cento) de ABP, apenas 0,3% (zero vírgula três por cento) de ABC e 57% (cinquenta e sete por cento) de ABN.

Gráfico 2 - Resultado Participante B



Fonte: elaborada pela autora (2021)

De acordo com o gráfico, 29% das articulações-boca apresentadas por ela são ABI, enquanto o tipo de articulação ABP totaliza 16%. Somadas, chega-se ao quantitativo de 45%, indicando que essas articulações podem ser resultantes da sobreposição da LP.

A participante ainda apresenta ABN com total de 54,7%, bem maior do que ABI e ABP, significando que o participante (B) utiliza a Libras como forma de comunicação no seu cotidiano. O último dado mostra que apenas 0,3% são do ABC, uma das formas

classificadoras que faz parte da Língua de Sinais. Abaixo, segue o *link*<sup>9</sup> para visualização do vídeo completo, ou pode ser acessado pelo *QR Code* abaixo:

Figura 24 - QR Code sobre link do informante (B)



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Figura 25 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:07:18 e 00:00:08:23, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <INCLUSÃO>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/701>.

Figura 26 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:18:28 e 00:00:19:23, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <ESTUDAR>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 27 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:34:28 e 00:00:35:22, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <ATÉ>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 28 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:01:17:14 e 00:01:18:09, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <PERÍODO>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Foram selecionadas quatro 4 figuras que mostram a categoria mais destacada entre ABP, ABN e ABI. Segue abaixo no quadro:

Quadro 9 - Resultado de tabela pelo participante B

Número da figura	Categoria do termo	Léxico
Figura 25	ABP	Inclusão
Figura 26	ABN	Estudar
Figura 27	ABI	Até
Figura 28	ABI	Período

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

### 6.3.3 Resultados de Participante C

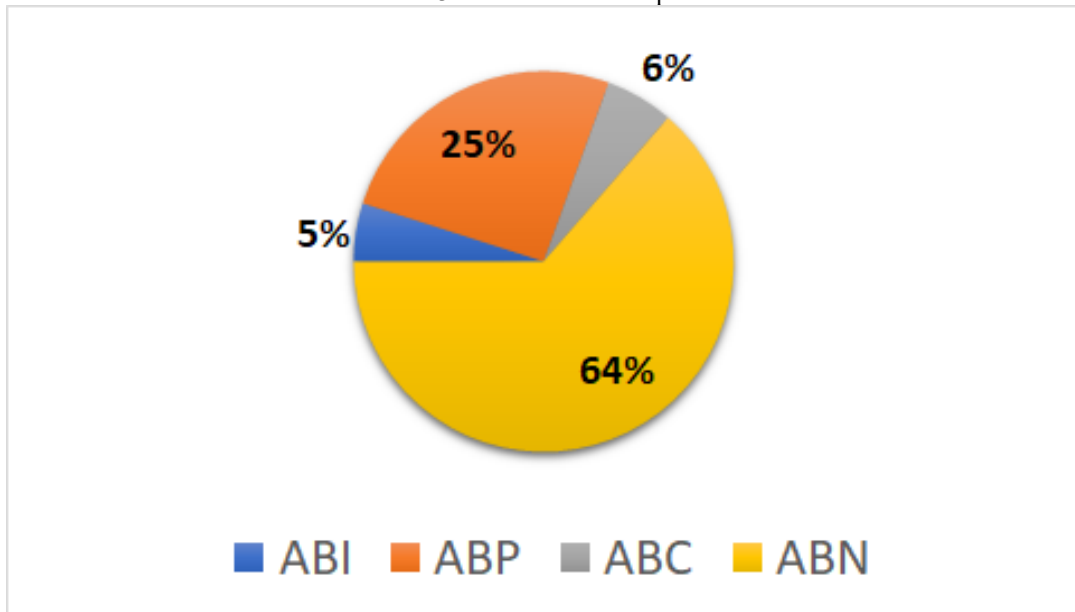
Na tabela abaixo, observa-se a quantidade de sinais de cada categoria do participante C:

Tabela 3 - Resultado de tabela pelo participante C

Código	CM
ABI	6
ABP	31
ABC	7
ABN	77
<b>Total</b>	<b>121</b>

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Gráfico 3 - Resultado Participante C



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Conforme gráfico, o participante C apresenta apenas 5% (cinco por cento) de ABI, 6% (seis por cento) de ABC, 25% (vinte e cinco por cento) de ABP e 64 % (sessenta e quatro por cento) de ABN.

De acordo com o gráfico, 0,5% e 25% das articulações-boca apresentadas por ela são ABI e ABP, respectivamente, indicando que essas articulações podem ser resultantes da sobreposição da LP. A quantidade de ABN é de 64%, maior do que ABI e ABP, significando que a convivência com Surdos pode ter diminuído a frequência da fala.

O último dado é de 6 % da ABC, mostrando que ainda existe a produção da expressão classificadora, parte importante da língua de sinais. A seguir o *link*<sup>10</sup> para visualizar o vídeo completo e o *QR Code* correspondente:

<sup>10</sup> Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/766>.

Figura 29 - *Qr Code* sobre link do informante (C)



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Figura 30 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:18:14 e 00:00:19:14, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <INCLUSÃO>



Fonte: elaborada pela autora (2021)

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 31 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:27:22 e 00:00:28:17, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <APRENDER>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 32 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:34:20 e 00:00:35:10, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <OUVINTE>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 33 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:01:23:25 e 00:01:25:07, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <ORAL>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Foram selecionadas quatro 4 figuras que mostram a categoria mais destacada entre ABP, ABN e ABI. Segue abaixo no quadro:

Quadro 10 - Resultado de tabela pelo participante C

Número da figura	Categoria do termo	Léxico
Figura 30	ABN	Inclusão
Figura 31	ABN	Aprender
Figura 32	ABP	Ouvinte
Figura 33	ABC	Oral

Fonte: elaborada pela autora (2021)

### 6.3.4 Resultados de Participante D

Na Tabela abaixo, observa-se a quantidade de sinais de cada categoria do participante D:

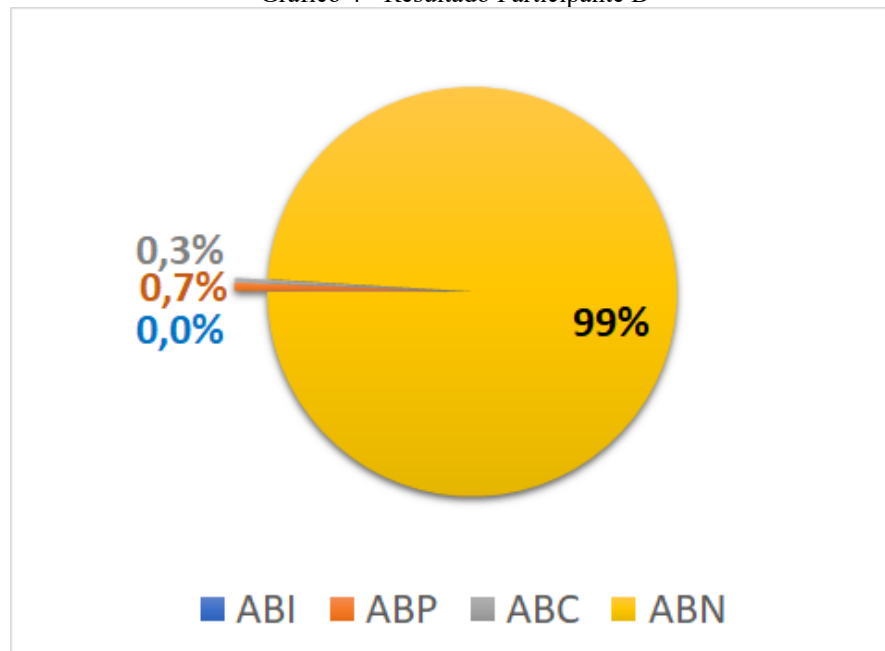
Tabela 4 - Resultado de tabela pelo participante D

Código	CM
ABI	0
ABP	2
ABC	1
ABN	302
<b>Total</b>	<b>305</b>

Fonte: Elaborada pela autora (2021).



Gráfico 4 - Resultado Participante D



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Enquanto o participante D não apresenta o tipo ABI, 0,7% (zero vírgula sete por cento) de ABP, apenas 0,3% zero vírgula três por cento) de ABC e 99 % (noventa e nove por cento) de ABN.

De acordo com o gráfico, ele não utiliza articulações-boca do tipo ABI, provavelmente, porque não teve a oportunidade de adquirir linguagem oral, pois nunca fez tratamento fonoaudiológico e apenas se comunica em Libras. No entanto, encontrou 0,7% de ABP, podendo ser resultado da repetição de algumas palavras mais fáceis de perceber através da leitura labial.

O tipo de articulação ABN é 99%, significando que ele se encontra inserido na comunidade surda e sua comunicação primordial é por meio da Libras, ou seja, ele tem conforto linguístico em utilizar a língua de sinais em relação à articulação oral das palavras da língua oral.

No sistema ELAN, foram encontradas duas glosas de ABP apenas referentes aos termos, MAS (Figura 14) e SURDO (Figura 15). Foi encontrada também uma ABC, juntamente com a glosa FALA-ORAL realizada duas vezes na figura 16 e 17. Segue o link<sup>11</sup> e seu acesso via *QR Code*:

<sup>11</sup> Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/334>.

Figura 34 - Qr Code sobre link do informante (D)



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Figura 35 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:56:12 e 00:00:56:24, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <SURDO>



Fonte: elaborada pela autora (2021)

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 36 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:04:39:15 e 00:04:40:01, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <MAS>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 37 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:04:40:18 e 00:04:41:03, sobre a expressão de articulação-boca do primeiro sinal <FALA-ORAL>

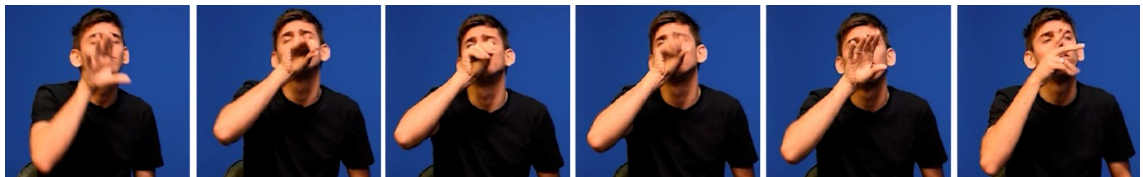


Fonte: elaborada pela autora (2021)

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 38 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:01:21:27 e 00:01:22:24, sobre a expressão de articulação-boca do segundo sinal <FALA-ORAL>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Foram selecionadas quatro 4 figuras que mostram a categoria mais destacada entre ABP, ABN e ABI. Segue abaixo na tabela:

Quadro 11 - Resultado de tabela pelo participante D

Número da figura	Categoria do termo	Léxico
Figura 35	ABN	Surdo
Figura 36	ABP	Mas
Figura 37	ABC	Fala-oral (1)
Figura 38	ABC	Fala-oral (2)

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

### 6.3.5 Resultados de Participante E

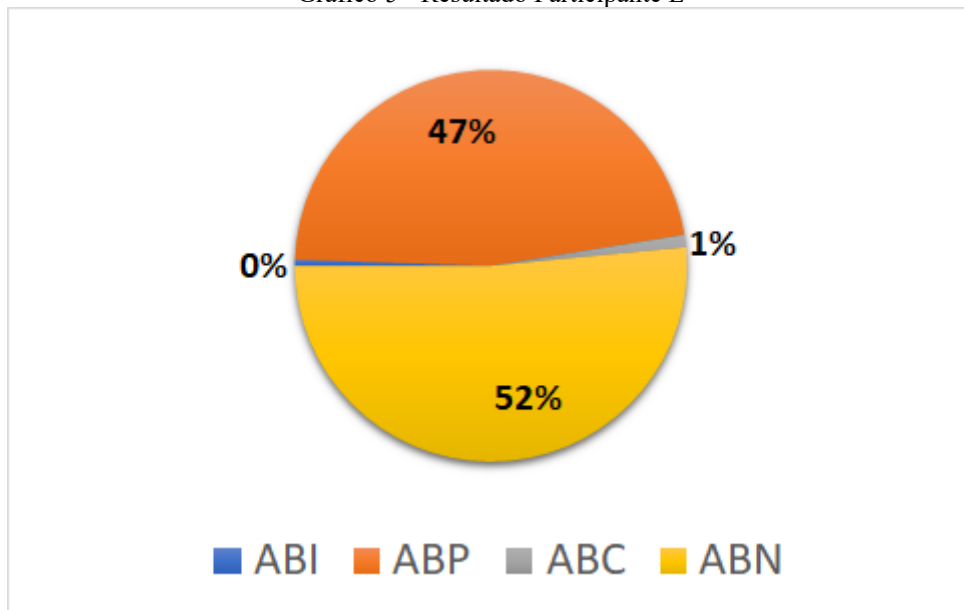
Na Tabela abaixo, observa-se a quantidade de sinais de cada categoria do participante E:

Tabela 5 - Resultado de tabela pelo participante E

Código	CM
ABI	1
ABP	93
ABC	2
ABN	102
<b>Total</b>	<b>198</b>

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Gráfico 5 - Resultado Participante E



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Na imagem acima, nota-se que o participante E não apresenta articulação-boca do tipo ABI, apenas 1% (um por cento) de ABC, 47% (quarenta e sete por cento) de ABP e 52% (cinquenta e dois por cento) de ABN.

De acordo com o gráfico, ele não apresenta articulação tipo ABI, comparado com 47% do tipo ABP que pode ser resultado do contato com a LP na sua educação escolar, influenciando sua sinalização por meio da prática de sobreposição. Porém, ele apresenta ABN de 52%, maior do que ABP em apenas 5%. O último dado do gráfico é de 1% apenas para ABC.

O resultado foi que se encontrou dois tipos de categorias: articulação-boca classificadora (ABC) no sinal FALAR-ORAL e articulação-boca possibilidade (ABP) nos sinais PORQUE, MUITO, FEVEREIRO e BOM. Segue o *link*<sup>12</sup> para visualizar o vídeo completo e o *QR Code* abaixo:

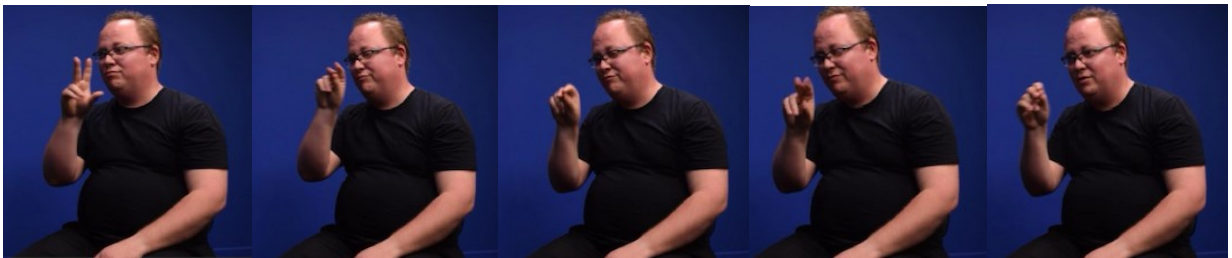
<sup>12</sup> Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/668>.

Figura 39 - *QR Code* sobre link do informante (E)



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Figura 40 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:13:26 e 00:00:14:23, sobre a expressão de articulação-boca com o sinal <FALAR-ORAL>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 41 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:18:01 e 00:00:18:24, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <PORQUE>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 42 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:31:17 e 00:00:32:11, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <MUITO>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 43 - Registro do vídeo acima através ELAN no tempo entre 00:00:45:10 e 00:00:46:09, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <FEVEREIRO>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Foram selecionadas quatro 4 figuras que mostram a categoria mais destacada entre ABC e ABP. Segue abaixo no quadro:

Quadro 12 - Resultado de tabela pelo participante E

<b>Número da figura</b>	<b>Categoria do termo</b>	<b>Léxico</b>
Figura 40	ABC	Falar-oral
Figura 41	ABP	Muito
Figura 42	ABP	Fevereiro
Figura 43	ABP	Bom

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Quando analisados alguns vídeos do ELAN desse participante E, algumas análises foram mais complexas porque não é possível perceber e identificar a pronúncia, a fala não está clara. Ele parece “murmurar”, por isso, encontrou-se apenas quatro do tipo ABP. Isso talvez possa indicar que ele seja uma pessoa tímida para oralizar, mas ele é ótimo na comunicação em Libras.

### **6.3.6 Resultados de Participante F**

Na tabela abaixo, observa-se a quantidade de sinais de cada categoria do participante F:

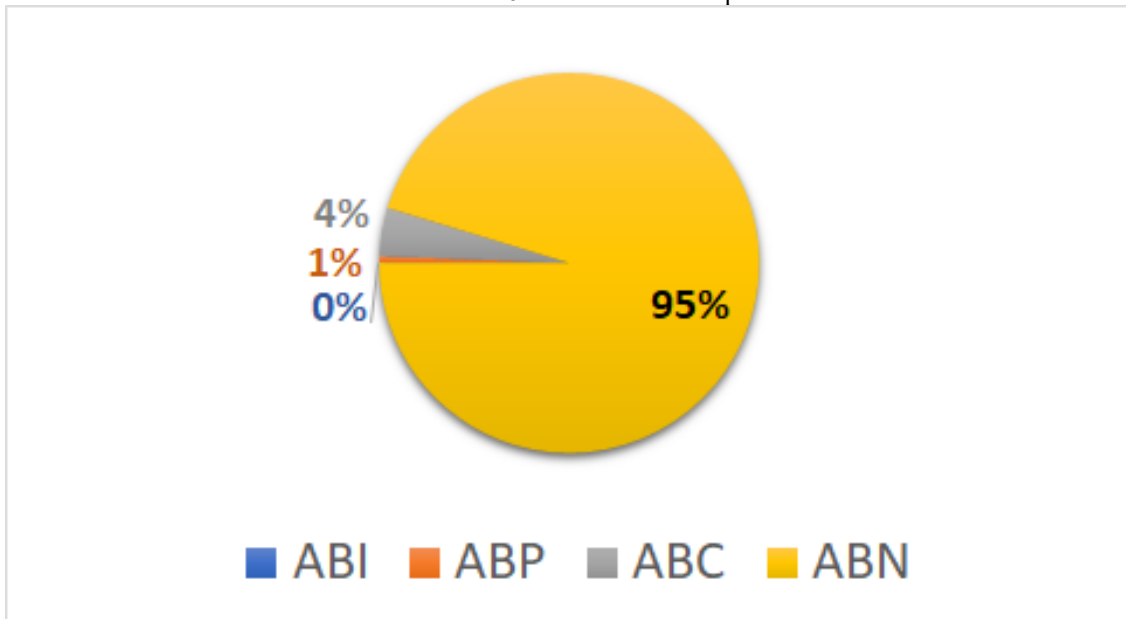


Tabela 6 - Resultado de tabela pelo participante F

Código	CM
ABI	0
ABP	1
ABC	7
ABN	163
<b>Total</b>	<b>171</b>

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Gráfico 6 - Resultado Participante F



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O participante F não apresenta o tipo ABI, apenas 1% (um por cento) de ABP, 4% (quatro por cento) de ABC e 95 % (noventa e cinco) por cento) de ABN. De acordo com o gráfico, a inexistência de articulação do tipo ABI, mostra que ele nunca fez terapia fonoaudiológica e pode também nunca ter se interessado em aprender a leitura labial. Mas encontrou-se apenas 1% de ABP, na pronúncia da palavra SURDO. Acredita-se que ele pode ter adquirido essa articulação da língua falada pela observação.

O tipo ABN é de 95%, maior do que todas as outras categorias de articulação-bocas. Dessa forma, pode-se considerar que ela utiliza a língua de sinais, sem nenhuma interferência da LP, porque demonstrou apenas 4% de ABC que é uma parte importante da língua de sinais, significando um total 99%, confirmando que não houve influência de tratamento

fonoaudiológico ou influência da LP a partir da observação dos ouvintes. Ele expressa sua comunicação por meio da língua de sinais e se caracteriza pela identidade surda.

Os sinais nos quais encontrou-se o tipo de articulação-boca classificadora (ABC), foram quatro (4): BAGUNÇA; SILÊNCIO; OLHAR; JOGAR-NAS-COSTAS. A hipótese é que faz parte da comunicação própria da língua de sinais e da identidade surda. A seguir o *link*<sup>13</sup> para visualização do vídeo completo e o seu o *QR Code*:

Figura 44 - *QR Code* sobre link do informante (F)



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Figura 45 – Registro do vídeo acima através ELAN no tempo entre 00:00:06:10 e 00:00:08:20, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <BAGUNÇA>



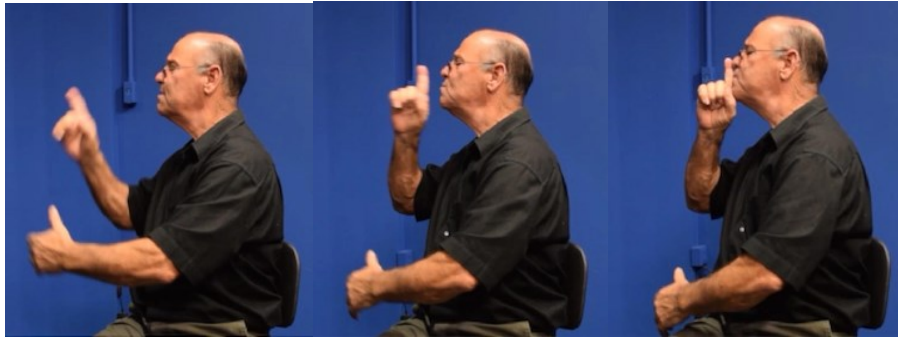
Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



<sup>13</sup> Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view/850>.

Figura 46 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:09:29 e 00:00:10:19, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <SILÊNCIO>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 47 – Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:11:16 e 00:00:12:06, sobre a expressão de articulação-boca com o sinal <OLHAR>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Figura 48 - Registro do vídeo através ELAN no tempo entre 00:00:20:02 e 00:00:20:20, sobre a expressão de articulação-boca do sinal <JOGAR NA COSTA>



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Para visualizar o vídeo, acesse o *QR Code* abaixo:



Foram selecionadas quatro 4 figuras que mostram a categoria mais destacada entre ABC. Segue abaixo no quadro:

Quadro 13 - Resultado de tabela pelo participante F

Número da figura	Categoria do termo	Léxico
Figura 45	ABC	Bagunça
Figura 46	ABC	Silêncio
Figura 47	ABC	Olhar
Figura 48	ABC	Jogar na costa

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os registros coletados marcam o tempo da realização do sinal a fim de facilitar que sejam encontrados e identificados no sistema.

A partir dos dados coletados, percebe-se que não foram encontrados, nos seis participantes Surdos da pesquisa articulações-boca simultâneas, ou seja, o Bimodalismo. O que pode ser identificado foi a sobreposição, resultado do contato entre a LP e a Libras.

## 6.4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Nos gráficos, observam-se os dados dos participantes nas quatro categorias, — ABI, ABP, ABC e ABN — e a quantidade de cada tipo conforme informação abaixo. Sobre a primeira tabela, da categoria ABI, a quantidade para cada participante é:

- Participante A - 180 sinais apresentados, 37 são da categoria ABI.
- Participante B - 300 sinais apresentados, 87 são da categoria ABI.
- Participante C - 121 sinais apresentados, 06 são da categoria ABI.
- Participante D - 305 sinais apresentados, 0 é da categoria ABI.
- Participante E - 198 sinais apresentados, 01 é da categoria ABI.
- Participante F - 171 sinais apresentados, 0 é da categoria ABI.

Os participantes (D) e (F) não apresentaram articulação-boca do tipo ABI, enquanto (E) encontrou apenas 1 ocorrência de articulação-boca integral. O participante (B) apresentou 87 ocorrências, quantidade maior em comparação com os dois outros (A) e (C). Na segunda tabela da categoria, ABP, a quantidade é:

- Participante A - 180 sinais apresentados, 46 são da categoria ABP.
- Participante B - 300 sinais apresentados, 48 são da categoria ABP.
- Participante C - 121 sinais apresentados, 31 são da categoria ABP.
- Participante D - 305 sinais apresentados, 01 é da categoria ABP.
- Participante E - 198 sinais apresentados, 93 são da categoria ABP.
- Participante F - 171 sinais apresentados, 01 é da categoria ABP.

Os participantes (D) e (F) são os que menos usam a articulação-boca possibilidade (ABP), sendo o participante (E) o que apresenta um maior número de ocorrências, 93 no total. Os participantes (B) e (A) apresentam, respectivamente, 46 e 48.

Na terceira tabela, sobre a categoria ABC, a quantidade foi:

- Participante A - 180 sinais apresentados, 04 são da categoria ABC.
- Participante B - 300 sinais apresentados, 01 são da categoria ABC.
- Participante C - 121 sinais apresentados, 07 são da categoria ABC.
- Participante D - 305 sinais apresentados, 01 são da categoria ABC.
- Participante E - 198 sinais apresentados, 02 são da categoria ABC.
- Participante F - 171 sinais apresentados, 07 são da categoria ABC.

Os participantes que menos usam a ABC são (B); D) e (E), com respectivamente, 1, 1 e 2. Os participantes (C) e (F) apresentaram 7 ocorrências, enquanto (A) apresentou 4. Na quarta tabela da categoria ABN, a quantidade foi:

- Participante A - 180 sinais apresentados, 93 são da categoria ABN.
- Participante B - 300 sinais apresentados, 164 são da categoria ABN.
- Participante C - 121 sinais apresentados, 77 são da categoria ABN.
- Participante D - 305 sinais apresentados, 301 são da categoria ABN.
- Participante E - 198 sinais apresentados, 102 são da categoria ABN.
- Participante F - 171 sinais apresentados, 163 são da categoria ABN.

Destaca-se o participante (D) que apresenta 301 articulações do tipo ABN, mais do que os outros participantes. O que menos apresenta articulações ABN é o participante (C), seguido de (A) com 93, (E) com 102 (B) (F) com 163 e (E) com 164.

A partir da análise das quantidades de cada tipo, faz-se necessário perceber quais as variáveis das pessoas surdas (participantes) estudadas. Nota-se um detalhe interessante em relação ao gênero dos participantes:

- O participante da pesquisa da categoria jovem, informante (A), do sexo feminino utiliza mais ABI do que (D) do sexo masculino;
- Em relação aos participantes (B) e (E) da categoria adulto, o informante (B), do sexo feminino, também utiliza mais ABI do que (E) do sexo masculino;
- Na categoria idosos, (C), que é do sexo feminino, também utiliza mais ABI do que (F) que é do sexo masculino.

Dessa forma, as participantes do gênero feminino apresentam maior número de articulação do tipo ABI do que os homens da pesquisa. Os participantes (C) e (F) de mais idade foram os que apresentaram maior quantidade de articulação do tipo ABC com 7 ocorrências cada.

A partir da análise dos participantes da pesquisa, nota-se que aqueles que foram mais expostos à realização por meio da terapia de fala ou da forma como foram educados, desenvolvem mais articulações-boca dos tipos ABI e ABP. Os que não são expostos à oralização, desenvolveram mais articulações do tipo ABN e ABC em comparação aos demais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O critério utilizado na pesquisa para a coleta de dados faz parte da discussão sobre a sobreposição da LP na sinalização natural dos Surdos. Os critérios relacionados à faixa etária proporcionaram informação quantitativa e qualitativa acerca das categorias nas classes entre jovens e idosos Surdos, mas é necessário aprofundar mais detalhadamente as possibilidades da pesquisa.

Nesta pesquisa, buscou-se analisar Surdos com diferentes perfis: jovens, adultos e idosos, tanto homens como mulheres com diferentes relações com a linguagem — alguns são oralizados e outros não. Esses fatores influenciam diretamente na utilização da articulação-boca pelos sujeitos Surdos.

Percebe-se que o contato entre línguas através ou não da oralização por conta de sua experiência em relação aos tratamentos fonoaudiológicos ou pelo contato com ouvintes no decorrer de sua vida é um processo específico de transferência entre línguas de modalidades diferentes: espaço-visual e oral-auditiva. Essa conclusão está de acordo com o esboçado por Quadros, Lillo-Martin e Pichler (2014, p. 802).

Essa sobreposição é um uso natural e espontâneo da fala e dos sinais produzidos simultaneamente. Nos dados coletados por Emmorey et al. (2008), 35,71% dos enunciados foram sobrepostos. Os autores também observaram o uso de estruturas da língua de sinais na língua falada - chamados de influência interlinguística, ou transferência - outro tipo de "mistura" de línguas.

A partir da coleta de dados, percebeu-se que os participantes possuem comportamentos diferentes ao se comunicar através da língua de sinais no que se refere à oralidade, ou seja, articulação-boca para cada um deles tem jeito próprio caracterizado em quatro formas principais de articulação-boca, de acordo com os itens em abaixo:

- A articulação-boca da língua falada em LP mistura-se com a Libras, a chamada sobreposição;
- Ocorre pronúncia por meio da articulação-boca, mas a articulação da palavra não é clara;
- Geralmente, faz uso da articulação classificadora da Língua de Sinais;
- Utiliza a articulação-boca, alternando entre a articulação clara e articulação-classificadora.

Foi observado que os participantes Surdos usam os sinais com articulação classificadora como um processo natural da Libras visto que os sinais classificadores são considerados parte da língua de sinais, e não como competência estratégica da sobreposição, já que na língua portuguesa há uma estrutura de linearidade ao enunciado, enquanto na Libras há a simultaneidade espaço-visual dos sinais classificadores.

Nesta pesquisa, que se classifica tanto como quantitativa como qualitativa, buscou-se descobrir a questão da articulação-boca para os Surdos que tiveram a influência da fala da LP a partir de estímulos oriundos da fonoaudiologia ou do contato linguístico, resultando na sobreposição.

Essa discussão iniciou-se com o objetivo de refletir acerca da influência do Congresso de Milão sobre a língua de sinais e sua utilização pelos Surdos. Com a proibição do uso da língua de sinais na Educação de Surdos e a imposição da oralização, o desenvolvimento natural das línguas de sinais foi interrompido. A questão que surge é: como a comunicação entre os Surdos usuários das línguas de sinais teria sido se esse ataque não tivesse ocorrido?

Na pesquisa, nota-se a partir do levantamento que a classe de Surdos idosos, tanto mulher quanto homem, mostra uma porcentagem muito menor de uso da articulação-boca integral e parcial, ou seja, do uso da sobreposição, significando que, pelo fato de não terem acesso ao aprendizado do método oral, puderam usar a língua de sinais sem interferência da LP. Talvez porque, na época, a escola não se preocupava ou não disponibilizava atendimento fonoaudiológico para os alunos Surdos na escola.

A comparação entre adultos e jovens Surdos mostra que as experiências na sua jornada são distintas no que diz respeito ao histórico de convivência com a família, amigos e a experiência escolar. Por isso, apresentam diferentes caminhos relacionados com o tempo de vida e a relação com a linguagem nas diferentes épocas.

## 7.1 REFLEXÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE DISCUSSÃO PARA UMA NOVA PESQUISA

Por meio desta pesquisa sobre articulação-boca, refletiu-se sobre a força da LS nas comunidades surdas. Apesar de a sinalização dos Surdos sofrer influência da LP com o surgimento das articulações-boca integral e/ou possibilidade, a LS continua firme e forte, resistindo e sendo transmitida a Surdos e ouvintes ao redor do mundo.



Apesar da tentativa de apagamento das línguas de sinais e do estímulo, por vezes, violento, dado às pessoas surdas para aprender a falar, o que mais interessante é que as LS não diminuíram, ou seja, persistem, a comunidade surda é forte e continua conservando a LS como primeira língua ou língua materna. No momento, a articulação-boca ainda está presente na comunicação dos Surdos, mas não sobrepôs à Libras.

Percebe-se que o uso da articulação-boca não traz prejuízo para a comunicação sinalizada, pois é uma possibilidade de expressão comunicativa usada quando necessário. Além disso, o uso da articulação-boca classificadora não é competência da LP falada pois representa uma estratégia visual das LS, ou seja, incorpora a expressão do referente ou da realidade a que faz alusão, sendo usada como morfema-boca.

Enfim, o *corpus* de Libras contribui bastante para pesquisas na área de Libras por fornecer *corpus* para coleta de dados. Além disso, o sistema de transição ELAN é extremamente importante por conta da visualidade que permite facilmente desenvolver pesquisas na área e elaborar material de estudo, mas depende sobretudo do objeto de estudo da pesquisa.

No caso do estudo em questão, mostrou-se desafiador porque esse assunto, acerca da articulação-boca, possui poucos estudos, por isso, foi preciso ter paciência para analisar os sinais ao focar na articulação-boca dos participantes, sendo necessário visualizar várias vezes e usar o zoom para verificar melhor o rosto das pessoas.

É importante criar o *Corpus* Libras e realizar este tipo de pesquisa também em outros estados nas diferentes Universidades Federais. Outras universidades já estão realizando a coleta de dados. Entre elas a UFAL e a UFT. Espera-se que a Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional responsável pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL/IPHAN), também desenvolva sua versão do projeto do *corpus* da Universidade Federal de Santa Catarina, visto que a UFC possui o curso de Letras/ Libras que pode encabeçar esse trabalho e processo de coleta dos dados.

Realizar essa pesquisa no estado de Fortaleza ajudará a perceber como a comunidade surda da região se desenvolveu apesar da influência do fato histórico ocorrido no Congresso de Milão. Como as pessoas surdas conviveram com o processo de oralização e como isso influenciou a utilização das articulações-boca no estado de Fortaleza em comparação com os Surdos do Sul de Santa Catarina? O objetivo é entender o fenômeno da história, no que se

refere ao Congresso de Milão e a influência do método oralismo para pessoas surdas cearenses. Isso poderia ajudar bastante na pesquisa da situação histórica.

No futuro, pode-se acrescentar à pesquisa o tema de articulação-boca para pessoas surdas do Nordeste para verificar a realidade histórica a partir da influência do Congresso de Milão. A ampliação da pesquisa é de grande relevância para o estudo, bem como para a construção das hipóteses.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. D. S. **As Expressões e as Marcas Não-Manuais na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- BAKER-SHENK, C. **A Micro-Analysis of the Nonmanual Components of Questions in American Sign Language**. 1983. 357 f. Doctoral Dissertation (Doctoral Degree in Philosophy in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1983. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/7b03x0tz>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- BICKFORD, J. A.; FRAYCHINEAUD, K. Mouth morphemes in ASL: a closer look. *In: QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de (ed.). Questões teóricas das pesquisas em Língua de Sinais*. Theoretical Issues in Sign Language Research 9. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. p. 32-47
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Atas: Congresso de Milão [de] 1880**. Rio de Janeiro: INES, 2011.
- BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na Educação dos Surdos: ideologia e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (eds.). **The hands are the head of the mouth: The mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum, 2001.
- CALIXTO, Alessandra de A. C.; SOUZA, Marcos A. N. de; SANSÃO, Welbert V. S. de. Aquisição de linguagem: o papel das creches bilíngues para Surdos. *In: SANSÃO, Welbert V. S. de.; VILELA, Cristiano das N.; CRUZ-SANTOS, Anabela. Educação de Surdos: olhares multidisciplinares*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020. p. 39-54.
- CALIXTO, Alessandra de Azevedo Costa. Surdos enquanto minoria linguística e o respeito a seus direitos linguísticos. *In: BENTO, N. A.; BOMFIM, L. F.; COSTA, G. E. B. da. (orgs.) Educação Linguística para Surdos no século XXI: trajetórias e contextos formativos*. Curitiba: CRV, 2021. p. 125-141.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMPELLO, A. R. e S. Pedagogia Visual. *In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (orgs.). Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 100-131.
- CAPOVILLA, F.C. Filosofias educacionais em relação ao Surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 1, n. 6, p. 99-116, 2000.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- FAJARDO, I. M. R.; ARAUJO, R. M. E.; KRIEGER, M.; PORTA, S. L. **Mapeamento Estruturado da Libras para Utilização em Sistemas de Comunicação**. Vitória:

- International Workshop on Assistive Technology, 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27352/27352.PDF>. Acesso em: 21 out. 2020.
- FERNANDES, S. **Educação de Surdos**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem, cognição, numa perspectiva interacionista**. São Paulo: Plexus, 2002.
- HONORA, M. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2014
- LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre Surdos**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003
- LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LOSS, A. L. **Avaliação de fluência em língua de sinais brasileira: definindo critérios sob uma perspectiva surda**. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUES, R. R. Educação de Jovens e Adultos: um diálogo sobre a educação e o aluno surdo. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 132-149.
- MENDES, N. F. O. **Informações centrais de medicamento em Libras: Tradução comentada para instituir o direito e o acesso linguístico dos Surdos na área da saúde**. 2019. 243 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- MCCLEARY, L. **Sociolinguística**. Material didático ou instrucional - Curso de Letras – Libras a distância. Florianópolis: UFSC, 2009.
- MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. de C.; LEITE, T. de A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/2880/2654>. Acesso em 7 jul. 2021.

MONTEIRO, M. S. **A Interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições**. 2015. 250 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representações Lexicais da Língua Brasileira de Sinais**. 2009. 325 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA-SILVA, C. M. de; CHAVEIRO, N. A influência da língua portuguesa na produção da Libras na perspectiva de translinguagem. **Revista Sinalizar**, v. 2, n. 2, p. 120-138, 2017 Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rs.v2i2.36080>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca**. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PÊGO, C. F. **Articulação-boca na Libras: um estudo tipológico semântico-funcional**. 2021. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Material didático ou instrucional - Curso de Letras – Libras a distância. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducaoDeSurdos/assets/279/TEXT0\\_BASE-Fundamentos\\_Educ\\_Surdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducaoDeSurdos/assets/279/TEXT0_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf). Acesso em: 21 out. 2020.

PIZZIO, A. L. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco**. 2006. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PIZZIO, A. L. **A Tipologia Linguística e a Língua de Sinais Brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M. de. **Políticas linguísticas e educação de Surdos em Santa Catarina: espaço de negociações**. Caderno Cedes, Campinas, v. 26, p. 141-161, mai./ago. 2006.

QUADROS, R. M. de. **Bilingüismo**. Educação de Surdos. 2008.

QUADROS, R. M. de; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Material didático ou instrucional - Curso de Letras – Libras a distância. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducaoDeSurdos/assets/279/TEXT0\\_BASE-Fundamentos\\_Educ\\_Surdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducaoDeSurdos/assets/279/TEXT0_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf). Acesso em 21 out. 2020.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A.; REZENDE, P. **Língua Brasileira de Sinais I**. Material didático ou instrucional - Curso de Letras – Libras a distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais instrumentos de avaliação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2011.

QUADROS, R.; CRUZ, C.; PIZZIO, A. Memória fonológica em crianças bilíngues bimodais e crianças com implante coclear. **ReVEL**, v. 10, n.19, 2012. Disponível em: Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/0bb2012c5e0acde671a087e69739aab9.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

QUADROS, R. M de; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 799-834, 2014.

QUADROS, R. M de. **Libras**. São Paulo: Parábola. 2019.

QUADROS, R. M de; LILLO-MARTIN, D.; KLAMT, M. M. Sobreposição de línguas: descrições linguísticas. **Forum linguístico**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5543-5560, out./dez. 2020.

ROCHA, A. S. da; BERNARDO, D. G. Pesquisa bibliográfica: entre conceitos e fazeres. *In*: TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; GONZAGA, Maria Teresa Claro (orgs.). **Metodologia e técnicas de pesquisa**: nas áreas de Ciências Humanas. Maringá: Eduem, 2011. p. 81-100.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira**: efeitos de modalidade e processos inferenciais. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. O Uso de Mouthing na Interpretação Simultânea para a Língua Brasileira de Sinais. *In*: Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, 5., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 1-15. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2016.

SÁ, N. R. L. de. **Educação de Surdos**: a caminho do bilinguismo. Niterói: Eduff, 1999.

SILVA, V. Educação de Surdos: uma releitura da Primeira escola pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. *In*: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2006. p. 14-37.

SILVA, I. S. A. F. **Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB)**: Processo e Interpretação. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, I. V. R. da. **Aspectos de nomes e verbos na Libras**: identificação morfossinática. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SKLIAR, C. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos Surdos. *In: SILVA, Luiz Heron da et al. (orgs.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento***. Porto Alegre: Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1997. p. 242-281.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SOUSA, A. N. *et al.* Marco de referência de Libras como L2. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5488-5504, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77339/45485>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SOUZA, D. T.; FRONZA, C. A. Estudos sobre Expressões Não-Manuais da Libras: **Constatações e Perspectivas**, Blumenau, v. 12, n. 3, p. 436-455, set./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1981-9943.2018v12n3p436-455>.

SOUZA, D. T. **A constituição prosódica da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**: as expressões não manuais. 2020. 179 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. 1960. **Journal of deaf studies and deaf education**, v. 10, n. 1, p. 3-37, [1960]/2005.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STUMPF, M. R. A educação bilíngue para Surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. *In: QUADROS, R. M. de, e STUMPF, M. R. (orgs.). **Estudos Surdos IV***. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 425-450.

VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; BARBOZA, F. V.; MARTINS, V. R. de O. (org.). **Pesquisas em educação de Surdos, tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais**. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019.

WITKOSKI, S. A.; FILIETAZ, M. R. P. Pesquisas em educação de Surdos: tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais. *In: ANDREIS-WITKOSKI, S.; FILIETAZ, M. R. P. (orgs.). **Educação de Surdos em debate***. Curitiba: Ed. UTFPR, 2014.